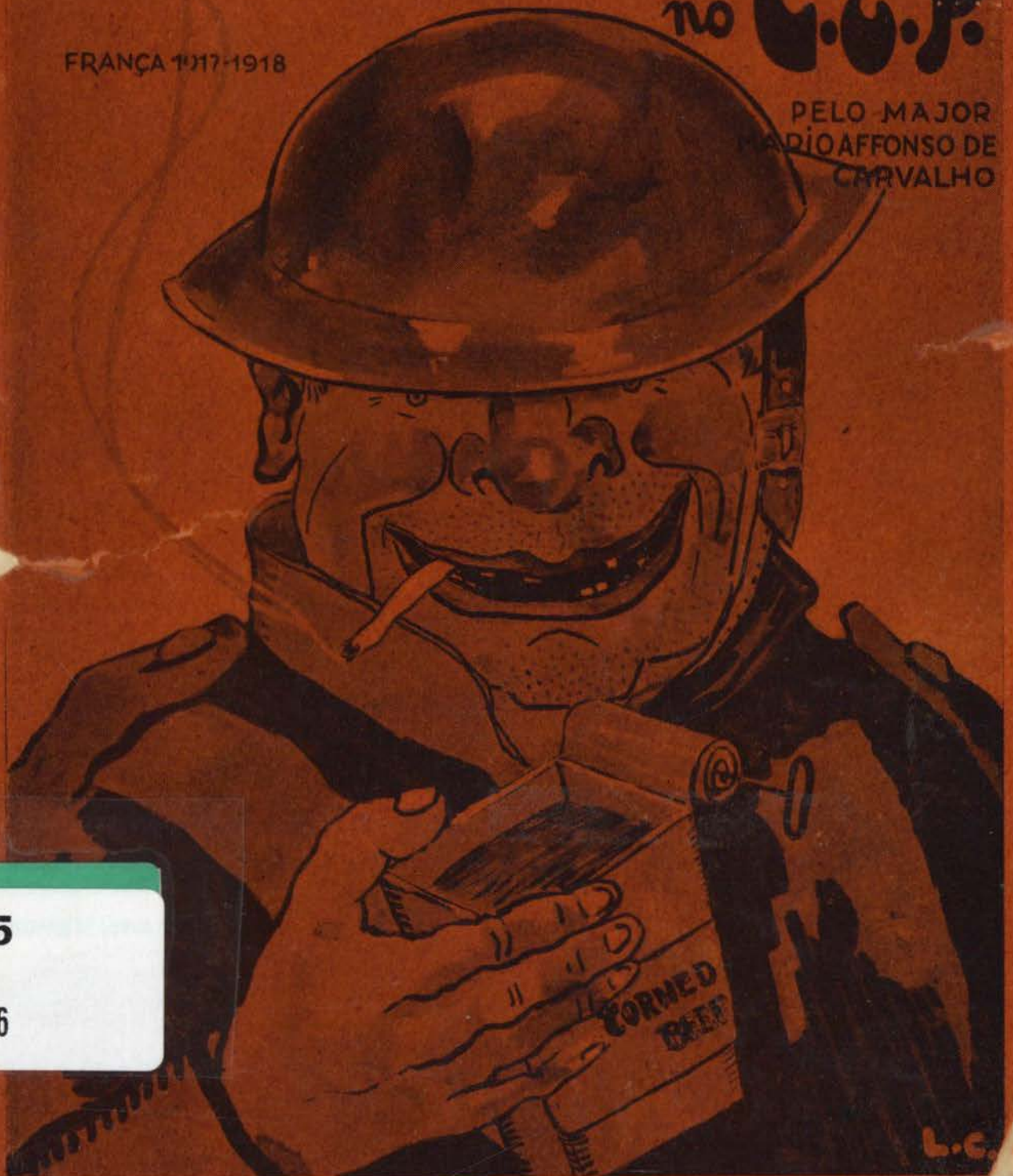


O Bom humor no C.E.P.

FRANÇA 1917-1918

PELO MAJOR
MARIO AFFONSO DE
CARVALHO



R5

1776



Oferta

2002-115-112
16.5.99
15.2.02
Lisboa

O bom humor no C. E. D.

(França 1917-1918)

POR

Mario Affonso de Carvalho

MAJOR

Ex-alfere provisor dos Batalhões de
Infantaria n.º 23 e 14 do Corpo Expe-
dicionario Portuguez a França.



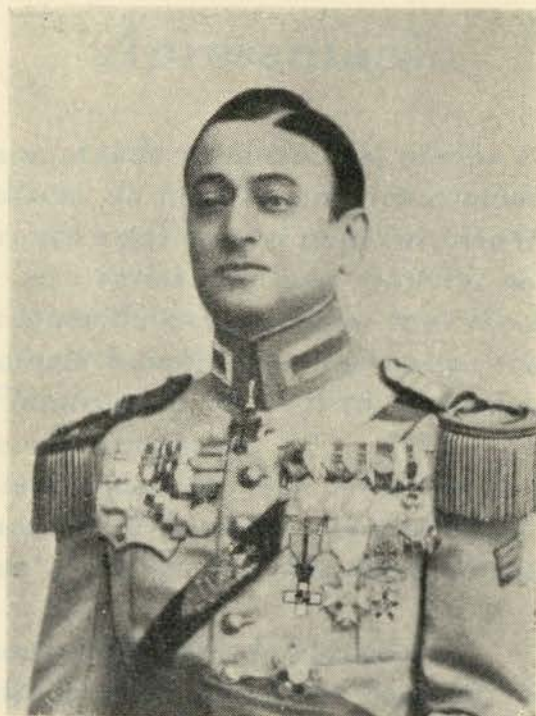
IM. 016956

Composto e impresso na Tipografia da L. C. G. G.
Calçada dos Caetanos, 18 — Lisboa — 1944

82P-7

CAR

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA



Neste
pádas, que
servas em P
de produzir
me falta a
frente a p
panda de
senti na rel

Dedico
abundant
pode ser
doença.

E por
Este su
possível por a

E depois quem de q que tem a mais não é obrigada

Lisboa, 08-XII-1948.

ditos engra
entes merlu
a intenção
para tanto
mente a de
por na cam
que vi a

neurais, que
de graça,
pedio para a

quanto u

O AUTOR



Prefácio

Apresentação

N'este amontoado de episódios, piadas e ditos engraçados, que dizem do bom humor dos combatentes portugueses em França e que resolvi publicar, não tive a intenção de produzir obra valiosa do meu espirito, pois para tanto me falta a requerida competencia, mas tão sómente a de focar a psicologia humoristica das nossas tropas na campanha da Flandres de 1917-1918, pelo muito que vi e senti na referida campanha.

Dedico este opusculo, especialmente aos neuras, que abundam para ahí e como se trata de ditos... de graça, pode ser, que a sua leitura lhes sirva de remedio para a doença.

E' portanto uma obra do coração...

Este guizado pode não estar bom, fiz no entanto o possivel por o refogar bem.

E depois quem dá o que tem, a mais não é obrigado.

Lisboa, 28-XII-1943.

O AUTOR

Apresentação

Este trabalho é de caráter científico, visando a divulgar os resultados de uma pesquisa realizada em 1943, sob a orientação do Dr. João de Deus, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O autor agradece a todos os que colaboraram para a realização desta obra, especialmente ao Dr. João de Deus, ao Dr. João de Deus e ao Dr. João de Deus.

Devido ao caráter científico, este trabalho não contém opiniões pessoais do autor, sendo apenas o resultado de uma pesquisa realizada em 1943, sob a orientação do Dr. João de Deus, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Este trabalho foi publicado em 1943, sob a orientação do Dr. João de Deus, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O autor agradece a todos os que colaboraram para a realização desta obra, especialmente ao Dr. João de Deus, ao Dr. João de Deus e ao Dr. João de Deus.

Lição 28-XII-1943

O AUTOR

Prefacio

O Major Mario Affonso de Carvalho, depois de firmar o seu nome no campo literario apresentando obras de caracter historico ou profissional, dá-nos agora um livro que, não sendo menos historico nos seus fundamentos, não é menos preciso n'esta epoca em que é necessario, às vezes, saber sorrir e atirar para longe as preocupações diarias.

A enfileirar com a vastissima bibliografia da Grande Guerra, bibliografia formada, a bem dizer, pelos depoimentos pessoases dos que na guerra tinham andado e achavam necessario contribuir com as suas impressões para o julgamento final do drama representado na Europa de 1914 a 1918, aparece-nos o «**Bom humor no C. E. P.**», um livro que analisa uma das facetas mais interessantes do nosso soldado, piadista por natureza e capaz de ter um dito de espirito nas circunstancias mais perigosas ou anormaes.

Sem a malicia da anecdotia franceza ou a ingenuidade das legendas inglezas e americanas, o soldado portuguez fugiu do subjectivo para abraçar o objectivo, e, se as suas piadas são mordentes, incisivas e atingem o alvo, não podemos negar-lhe um largo espirito de observação e um conhecimento profundo do seu semelhante, constituindo cada dito um autentico tema, que, bem desenvolvido, chegaria quasi para tecer um livro.

Contrastando com as larachas da rua, d'aquelas que correm de boca em boca e são capazes de ocasionar aos visados a pior das mortes, a do ridiculo, a piada da caserna não é menos contundente nem oportuna, e são sem conta os ditos de espirito que se poderiam catalogar, como se a nossa gente, heroica e destemida, tivesse sempre na boca uma exclamação capaz de definir com mais propriedade um estado de alma, que muitas exposições rebarbativas que, na sua maioria, são

produtos filosoficos assentes em proposições adrede inventadas para explicar o inexplicavel.

A Grande Guerra deu azo a um sem numero de ditos de bom humor, levando-nos á convicção de que, a par da historia heroica se deveria pôr a historia anedoctica, a historia feita em duas palavras por aqueles que, directamente sofriam os resultados da conflagração e que estavam longe de supôr que as suas opiniões mereceriam mais tarde as honras d'uma transcrição «para ficar».

Quanto a mim, o presente livro, enferma de ser reduzido no seu volume, tendo só a centésima parte do muito que se pensou em voz alta no C. E. P.

E não me digam que as piadas dos soldados não representam autenticos subsidios para uma analyse profunda aos homens e aos factos.

E' que elles, nas suas caricaturas flagrantes, apresentavam linhas mais rigorosas do que os retratos, e, quem sabe?! Pode ser que a tantos anos de vista, alguns dos caricaturados não perdoem ainda, lamentando não terem ao seu alcance os irreverentes para lhes aplicar qualquer numero do «Regulamento Disciplinar».

Depois das historias tragicas e das narrações cheias de verdade — porque foram vividas e sentidas, vem agora o «Bom humor no C. E. P.» preencher um lugar que até hoje ninguém tinha occupado, e amanhã, quando as novas gerações pretenderem analisar a marcha dos acontecimentos debaixo de todos os aspectos, ha que atentar, tambem, na disposição do nosso soldado, apreciando as suas reacções e suas palavras irreverentes, vendo que o seu espirito não o abandonava mesmo nos momentos mais dificeis.

O Major Mario Affonso de Carvalho, trazendo até nós o barometro da sensibilidade dos soldados que occuparam as trincheiras da Flandres, é digno de todos os elogios.

E possa ele provar que o soldado portuguez, mesmo quando se bate e arrisca a vida, sabe fazer o que nenhum outro animal é capaz: Sorrir.

Lisboa, 28/XII/1943.

EDUARDO DE FARIA

Batalhão de Infantaria n.º 23

Comendador da Ordem da Torre e Espada,
do Valor, Lealdade e Mérito

Pela correcção, aprumo, disciplina e levantamento moral com que se apresentou em Novembro de 1918 na 47.ª Divisão Britânica, o que permitiu, que o mesmo batalhão tomasse parte como unidade tactica de combate, na perseguição do inimigo, incorporado na 140.ª Brigada Britânica, da qual foi considerado oficialmente como o 4.º Batalhão, muito prestigiando assim, pela sua alta comprehensão do dever civico e militar, o Exercito e a Arma de Infantaria, com o que prestou no momento um alto serviço à Patria e à Republica.

O. E. n.º 25 de 1919



Canção de Marcha do Batalhão de infantaria 23

do C. E. P.

I

Na nossa linda terra,
A terra da alegria,
Alguem nos disse um dia:
— «Soldado! Vae para a guerra!»
E sem hesitação
Nosso dever
Com alma e coração
Viémos fazer.

E na hora da *rascada*,
A nossa rapaziada
Ha de vencer,
— Vocês vão ver! —
Que a gente do vinte e três
Má figura nunca fez...
Vocês verão
Que batalhão!
Vocês hão de ver
Como êle sabe vencer.

II

Havemos de mostrar
Aos nossos aliados
Que em bríos de soldados
Não nos tem que ensinar,
Pois somos os herdeiros
— Gloria imortal —
Dos velhos marinheiros
De Portugal.

E na hora da *rascada*, etc.

III

Na nossa Pátria Amada
Todos temos alguém
Ou seja esposa ou mãe
Ou noiva ou namorada
Pois que esse amor distante
Farol nos seja
A alma nos levante
E nos proteja

E na hora da *rascada*, etc.

Balada

(Ao nosso Alferes Provisor Mário Affonso de Carvalho)

Eu canto a prodiga bondade
Do nosso Alferes Provisor
Que nos dá viveres á vontade,
E nos dá licções d'amor,
Eu canto Sua Magestade
O nosso Alferes Provisor.

Eu canto a optima peliça
Condecorada e a primor
Que o batalhão todo cobiça;
E em paga d'êste meu favor
Espero um largo, um rude chiça
Do nosso Alferes Provisor.

Eu canto o explêndido Carvalho
E a sua formosura em flor,
Rosa molhada pelo orvalho
Enleuada e tímida de amor.

Ele dá o bife e o alimento
Ele dá rações também de amor,
E assim eu canto e assim lamento
O nosso Alferes Provisor.

ECQUES 28-4-1917

AUGUSTO CASIMIRO

Ten. do B. I. 23

Balada

(A voz de Alice Provizor)

O nome Alice Provizor
 É o nome da Mãe querida
 E nos dias de infância
 Deu-me a primeira lição
 De amor e de respeito
 Por todos os que vejo
 E me fez uma pessoa
 Que não se dá por vencida

Eu canto o nome da Mãe
 Com orgulho e com carinho
 Que é batalha todo dia
 E eu pago o meu fardo
 Exato um litro de leite
 De nome Alice Provizor

Eu canto o nome da Mãe
 E a sua formosa história
 Rosa molhada pelo suor
 E a sua vida de amor
 Ele dá o leite e o alimento
 E a sua vida de amor
 E assim eu canto o nome
 O nome Alice Provizor

COQUEL 1848 - 1848

1848

COQUEL 1848 - 1848

Introito

O humor, como todos sabem, é uma disposição do espírito.

Esta disposição do espírito pode ser boa ou má e assim se diz, que um indivíduo está de bom humor ou de mau humor.

O bom humor quási sempre se manifesta pela alegria e pelos ditos espirituosos, que constituem muitas vezes no indivíduo um dom natural.

O mau humor é muito contagioso, por isso deve-se fugir a sete pés das pessoas mal humoradas.

Propuz-me dizer alguma coisa sôbre o humor dos nossos soldados na Grande Guerra em França (1917-1918), para demonstrar, que os Portugueses nem mesmo diante da morte, que os espreitava a cada momento, abandonavam a sua boa disposição de espírito.



CAPITULO I

«O que é o mau humor»

Antes de entrar no assunto, que me propuz tratar, farei algumas considerações sobre o mau humor, que tantas vitimas está causando em todo o mundo.

Para este efeito, sirvo-me da melhor e mais autorizada opinião — a do sabio medico austriaco Dr. Feuchtersleben. Segundo êste illustre medico, «o mau humor é esse demónio funesto, que encapotado com uma disposição de espirito conseguiu tomar na sociedade um imperio absoluto. Ele constitue pois um mal, que não se pode negar, mas ao qual não é consentido sujeitar-nos».

O mau humor é o irmão gêmeo do tédio e da lazarence, d'essa envenenadora que anda de braço dado com a morte.

De facto, ninguem pode ver-se livre da tristeza, mas todos podem, sem duvida, libertar-se do mau humor.

Na tristeza ha ainda um certo encantamento, ha a poesia, mas no mau humor não existe qualquer força afectiva... é o curriculum vitæ!

Mas d'onde provêm o mau humor?

Primeiramente do habito, preceptor do homem e em seguida dos nossos proprios vicios.

Se desde creança nós fossemos acostumados a não termos um só momento desocupado, mas a trabalhar em coisas uteis ou agradaveis nas horas vagas, até á occasião do somno, não conheceríamos essa indolencia sorumbatica, que origina em geral a sensação mais que desagradavel e que se parece com um acordar muito tardio.

Se desde criança vissemos tudo em boa ordem á nossa volta, sem duvida por uma disposição harmoniosa da alma, essa mesma ordem e disciplina teria reflexos dentro do nosso ser.

Quando nos encontramos dentro d'um quarto arejado e muito bem composto a nossa alma experimenta uma especie de bem estar.

Libertarmo-nos do mau humor constitue uma arte muito difficil, na qual o mais importante é saber achar os momentos oportunos.

E' certo que o homem nem sempre está disposto para tudo, mas está sempre disposto para alguma coisa.

E' um facto incontestado, que o mau humor conduz o homem a todas as desgraças e até á apatia idiota de não saber o que quer, o que lhe é util e para onde vae!...

Como processos de curar o mau humor temos como principal e pode-se mesmo dizer exclusivo: o poder da vontade.

Como preservativo mais firme e energico temos só a religião, que é o verdadeiro conhecimento do amor, acompanhando-nos e guiando os nossos passos.

Assim é, que um espirito aberto a tudo o que é bom, não tem difficuldade em sofrer o que é mau.

Sobre o poder da vontade citam-se os seguintes casos entre muitos:

Cicero, o mais eloquente dos oradores romanos, nascido no ano 106 antes de Cristo, conta o facto d'aquele stoico, que querendo demonstrar diante do grande Pompeu o principio de que a dor não é um mal, juntou o exemplo á licção, triunfando em si mesmo de um ataque de gota de que sofria.

Houve um homem, que tinha o poder devéras extraordinario de fazer nascer uma inflamação erisipelatosa em qualquer parte do corpo.

Na America ha uns selvagens, que, quando julgam já ter cumprido a sua missão na terra, embora se encontrem na flor da vida, deitam-se, fecham os olhos tomam então a firme decisão de morrer e morrem de facto.

E' certo, que varias forças de cuja existencia nem sequer se suspeita, dormitam interiormente na maravilhosa organização do homem.

Uma vontade de ferro, decidida e perseverante revela d'uma forma brilhante essas forças».

E' uma verdade, que entre nós a percentagem dos bem humorados é muito inferior ás dos mal humorados.

E não é para admirar, pois a maioria dos nossos azares não passam de pura fantasia.

E' a nossa imaginação, que os inventa. Somos uns aldrabões para nos atribuir males e desgraças.

A natureza pode fazer-nos sadios ou sifiliticos, de sangue azul ou verde, mas não nos faz mal humorados, pois isto depende apenas da nossa vontade.

Um individuo mal humorado deixa de o ser, logo que tenha vontade propria e procure portanto a atmosfera adequada.

Se o ar está viciado, há que procurar o ar puro.

O bom humor é tão necessário na vida como a Emulsão do chicote aos meninos mal creados.

De resto o bom humor não é apanagio dos nossos tempos.

Se nos reportarmos á epoca dos Romanos, verificamos pelos escritos d'esse tempo, que o bom humor chegou ao ponto de rebuçado, pois os Imperadores e até os aristocratas e burguezes promoviam as celebres bacanaes, em que os homens e as mulheres se entregavam aos maiores prazeres, comendo e bebendo a fartar e no auge da

alegria vomitavam uns para cima dos outros sem cerimonia e rebojavam-se debaixo das mesas, havendo mesmo tachadas de character permanente, que acabavam por vezes com um funeral de 3.^a classe para o cemiterio mais proximo.

Batuque das sogras

A existencia das sogras no lar domestico contribue por vezes, para provocar o mau humor, como vamos ver.

Um amigo meu, ex-funcionário do defunto Ministerio do Trabalho, cantor das igrejas nas horas vagas é casado com uma mulher ideal e tem 2 filhos, que são dois *insectos* de graça e boa educação.

A felicidade d'esta familia sagrada seria completa, se não fora a maldade da sogra, que atira os pratos ao chão e dá açoites nos *insectos* sem motivo justificado.

O meu amigo, espirito de larga visão, resolveu em parte a questão.

Nas horas vagas do seu trabalho organiza um jazz-band em familia.

Como éle tem vocação para a musica, pois até desce de d'um cantor da Sé do tempo de D. Sancho VII, ensinou a familia toda.

O chefe toca pifaro, o filho mais velho, viola, o mais novo, harmonica, a consorte como não tem bom ouvido, bate castanholas e a sogra toca bombo, porque assim esta tem a impressão de estar á basanada nos *insectos*.

*

Aqui ha tempos um outro amigo meu, durante uma conversa, perguntou-me se eu tinha sogra.

Não, lhe respondi, tive sogra, mas já morreu, mas porque me fazes essa pergunta?

Imagina tu, que eu seria o mais feliz paquiderme, se não fosse a minha sogra ter rabugices constantes e estar sempre a mentir e a beber aguardente.

Tenho experimentado todos os remédios para a domesticar, mas em vão.

Aconselharam-me a deitar-lhe na sopa vidros foscos moidos, mas não tirei resultado. Pois se ela em creança, tinha engulido um prego, que foi encontrado mais tarde derretido no intestino grosso.

Tentei sentar-lhe praça na Juventude Feminina de Idade Avançada, mas não a aceitaram, por passar da idade.

E as suas iras subiam sempre.

Pedi-lhe para fazer sorvetes com gelo derretido. Irritava-se ainda mais e atirava com o aparelho ao chão.

Fil-a subir para um carro electrico a andar. Cahiu, rebolou, mas ficou na mesma.

Já tenho jogado ao cabeçalho com ela, mas como é atleta, eu fico sempre por baixo.

Comprei-lhe um mapa da Europa com o respectivo cartucho de bandeirinhas, para se entreter como fazem os garotos.

Engatava tudo.

Como lhe observasse, que fizera tudo ao contrario e lhe dissesse que aprendesse geografia, tomou-se de tal cólera, que rasgou o mapa em mil bocadinhos e atirou-m'os á cara, dizendo-me, que não estava na idade de receber licções.

Aqui tens, meu caro, rematou o meu amigo, com voz comovida: a minha sogra ingramavel, terrivel e nervosa, insulta, berra e continua maldosa.

Mas nem tudo é mau.

Conta-se, que certo marido ao casar, como verificasse que a sua sogra era d'uma bondade extrema e o sogro tambem era uma beleza de homem, propoz a vida em comum, para maior economia do mênage.

Era um verdadeiro paraizo a casa d'esta familia.

A sogra era d'uma doçura tão grande, que até fazia o nó da gravata ao genro e dava-lhe marradinhas com bastante arrelia da filha, que, devia ter uns certos zelos com taes transportes de ternura e trinados na garganta.

Assim passaram 10 anos no mais doce enleio, em que este bemaventurado marido se julgava o mais feliz dos batraquios, pois tinha uma esposa que o amava e uma sogra que o amimava.

Mas não ha bem, que sempre dure. Um dia a sogra adoeceu com uma indigestão de chispe e feijão branco e após doloroso e prolongado sofrimento, foi Deus servido leval-a da vida presente.

Pois o genro teve tal desgosto que para matar saudades passou a chamar sogra ao proprio sogro.

Era uma sogra macha.

E ponho ponto final n'este batuque das sogras.

§ único

O socego do espirito e a prática de boas acções são tambem condições indispensaveis á conservação do bom humor, se atendermos a que á saude do corpo anda intimamente ligada a saude da alma.

Com método e disciplina em todos os actos da nossa vida e aproveitando apenas aquilo que nos pode ser util ou agradavel, eis resolvida a forma de conservar o bom humor, visto que só este nos dá a alegria de viver.

Devemos ter bem presente, que o mau humor nos leva a fazer uma serie de disparates e burrices sem nome.

Foi assim, que D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros, que Vasco da Gama descobriu o caminho maritimo para as Indias, que D. Diniz fundou a Universidade de Coimbra, que Luiz de Camões fez os Lusíadas, que Joana d'Arc levantou o cerco de Orleans, etc., etc.

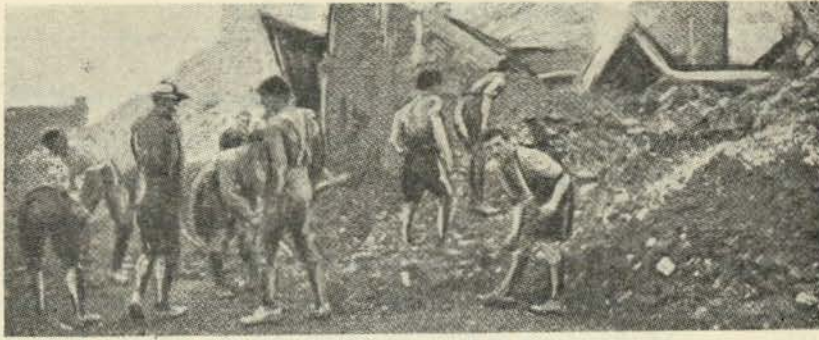
Em contra-partida o bom humor levou o Rei Herodes da Judeia a mandar matar 140.000 inocentes.

Foi também no auge da alegria e portanto do bom humor, que Nero mandou comer ao natural os cristãos pelas feras no Circo de Roma e Affonso Costa mandou queimar todos os santos das igrejas, etc.

CAPÍTULO II

A chalaca do C. E. P.

Feitas estas considerações sobre o bom e o mau humor, vou entrar no assunto que me propuz tratar: o bom humor dos nossos soldados do Corpo Expedicionario a França, d'esses heroicos serranos, que partiram para as geladas planicies da Flandres, lá se bateram galhardamente e muitos lá ficaram a dormir o eterno somno, n'essa terra vigorosa e fértil que ficou empapada do seu sangue generoso.



CAPITULO II

A chalaça do C. E. P.

Campanha de Pau-lona — 1916.

Estamos no 3.º ano de guerra. Lemos pacificamente as gazetas, que nos dão as noticias diarias da horrivel carnificina, em que a França é a maior sacrificada.

Começa a falar-se da nossa participação na guerra, ao lado dos aliados.

Quer fosse por politica, quer fosse para satisfazer quaesquer compromissos com a nossa velha aliada, o que é certo, é que nós os tropas de verdade não nos preocupámos nada com isso.

De resto, eu, ha muito, que estava conformado e nunca me esqueci, que isto de ser tropa, não é um modo de vida, mas sim um modo de morte!...

Uma coisa era certa, que eu ia para a tempestade, que a minha vida só tinha por penhor o acaso e com um factor unico eu contava — a sorte!

Para que ralar-me?

Foi portanto sem excitação nem medo, que recebi a ordem de marcha.

O medo abrevia a vida.

Deitei o coração para traz das costas e consegui assim ter o meu espirito sempre bem disposto e ligado a peque-

ninos nadas cheios de feitiço. É preciso marchar... Vou com a alma bem levantada, para poder arrostar com o perigo!...

.....
Norton de Matos, Ministro da Guerra e um dos influentes da nossa participação, mas enérgico e decidido, mobiliza em Maio de 1916 uma Divisão de 20.000 homens, que são concentrados em Tancos n'um grande e bizarro acampamento de barracas de lona, onde recebem uma brunidéla durante uns três mezes de marchas e exercicios de combate.

Esta foi a 1.^a étape da nossa participação na guerra e que ficou conhecida com o nome de *Campanha de Pau-Lona*.

A marcha

Preparam-se depois os barcos, para levar as nossas tropas para França, os quaes foram cedidos pela Inglaterra.

A 19 de Janeiro de 1917, embarcamos com o primeiro contingente: um esquadrão de cavalaria e um batalhão d'infantaria. Officiaes eramos uns cincoenta.

Muitos d'elles faziam parte das secções de quarteis das suas unidades.

Na maioria eram alferes, como eu, de fresca data e por isso foram logo escalados para a fornalha.

Eu nunca tinha dado vivas á guerra e por isso mesmo não parti a cantar, mas ia calmo e intimamente convencido de que ia cumprir o meu dever.

Mal chego a bordo com a secção de quarteis do B. I. 23, que comandava, apresento-me ao comandante militar, que me indicou o n.º do meu beliche.

Era uma especie de jazigo com duas prateleiras de lona sobrepostas de cada lado e um pequeno lavatório ao meio.

Tinha por companheiros de jazigo três alferes de infantaria.

Instalei-me com a minha tralha no cacifo do rez do chão esquerdo.

Não me agradou lá muito ficar no rez do chão, pois me lembrou logo, que no caso de enjôo o meu vizinho do 1.º andar podia vomitar para cima de mim.

Faço uma ligeira visita pelas diferentes dependencias do navio.

Por todos os lados cheirava a rancho e a esterco de cavalos.

Fico um tanto entupido, mas sinto-me bem disposto apesar de tanto perfume indesejavel.

Era para mim uma vida nova, que ia começar, o que me dava novos alentos. Esperava-se que o barco levantasse ferro, pois que a carga estava completa, mas não se mechia.

A bordo portanto passavam-se os dias um tanto monótonos, fazendo-se a vida de club e de preguiça, n'uma optima disposição de espirito.

Não faltou mesmo o jornal humoristico, em que se caricaturavam as figuras de mais destaque, que iam a bordo.

.....
Ha dez dias, que estamos fundeados no meio do Tejo em frente ao Terreiro do Paço, pois estamos a 31 de Janeiro.

Esta quietação já nos enerva.

A hora de levantar ferro continúa a ser segredo dos Deuses.

.....
7 horas da tarde do dia 31 de Janeiro. Um criado inglez, pois que a tripulação é toda ingleza, percorre os corredores dos nossos jazigos, como de costume, batendo com uma maçaneta n'uma caçarola de cobre.

É o toque do repasto.

Dirigimo-nos todos para a modesta sala de jantar, com verdadeiro appetite, embora já um tanto enjoados da

comida inglesa, quasi sempre cheirando a cebo das botas.

O meu camarada do lado direito, o alferes *Lata* ⁽¹⁾, depois de já ter comido a sopa e um prato de sardinhas, péga no menú e vê a palavra «Cold» que encimava as designações dos diferentes pratos frios e como não sabe patavina de inglez, convencido de que era o nome de qualquer iguaria esquisita, pede ao criado, que lhe traga «Cold» (em inglez esta palavra significa: frio).

O criado fica a murmurar, mas eu não percebo'o que ele diz. Sou tambem um ignorante d'essa lingua de trapos. Naturalmente ficou a chamar-lhe cavallo.

D'ahi a bocado volta o criado e apresenta ao nosso alferes *Lata* nada menos de quatro pratos frios, que eram todos os que havia mencionado na lista: *Roast-beef*, *Roast mutton*, *Pickled pork* e *Potatoes*.

O alferes não perde a serenidade e diz com um mixto de satisfação e gulodice: Ao menos estes inglezes são ricos em tudo. A gente pede-lhes um prato e eles trazem logo quatro cheios de comida e todos variados.

Ri-me de tanta bestialidade e disse-lhe, que fazia muito bem em encher o paiol de mantimentos, pois quem saberia, se ao sahir a barra, nós não iriamos pastar para o fundo do mar, com um torpedo dos alemães!

Pois claro, me retorquiu ele glotonamente, ao menos levamos a pança cheia.

O que é certo, é que o alferes *Lata*, enguliu aquilo tudo sem esforço, apezar de ser um trinca-espinhas!

E para remate, o comilão mimoseou-nos com uma salva de três formidaveis arrôtos!...

Acabamos de jantar e ficamos com o ventre inchado e a consciencia tranquila.

Sahimos todos para o convez. Todos estão animados.

(1) Este alferes tendo sido convidado certa tarde para uma reunião «smart» compareceu de botas amarelas e polainas pretas. Houve reparos e alguém lhe disse, que ele não tinha lata nenhuma. D'aquí lhe veio a alcunha de *Lata*.



Dedicatória

A Guilherme: Um hussard reconhecido

Finalmente o navio levanta ferro e começa a deslizar em direcção á barra.

Sentimos um alivio.

Ninguem está triste.

Todos se mostram dignos de si e da sua Patria.

Era a consciencia do dever militar.

Já é noite e uma chuva miuda e fria açoitada por um vento fortissimo, fustiga-nos a cara.

Dirijo um derradeiro e saudoso olhar á cidade, que foi o meu berço e por entre a casaria envolvida na bruma eu procuro descortinar a pequena casinha, onde eu deixava a esposa e o filhinho.

Passamos em frente de Cascaes.

Um funcionario faz a distribuição d'umas costelas de cortiça.

Pergunto-lhe para que me dá aquilo.

Diz-me, que é para me aguentar ao cimo d'agua no caso de precisar.

Mas eu se tiver de me deitar ao mar, morro logo com o frio da agua.

E atiro com aquela especie de chinguiço para debaixo da prateleira, que me serve de cama.

O mar está muito agitado devido á forte ventania.

O navio começa a dar balanços.

Estou ainda no convez a despedir-me das luzes da cidade.

Começo a não me sentir muito bem.

E eu que me supunha de estomago forte!

Mau! Parece-me, que já estou a enjoar com os balanços! digo eu para um dos meus companheiros que ia junto de mim.

Encosta-te bem á amurada, que o vento fresco batendo-te no focinho, faz-te passar essa agonia me retorquiu ele.

Assim fiz, mas um balanço mais forte, fez-me lançar a carga ao mar, ficando com o capote todo vomitado.

Que arrelia! E eu que tinha jantado tão bem! Quero fazer-me forte, mas constato, que não me é possível reagir. A cabeça anda-me á roda. Corro então para o meu beliche e deito-me. Sinto-me assim completamente aliviado, mas logo que levanto a cabeça do travesseiro, sinto o maldito enjôo.

D'ahi a pouco aparece o meu companheiro, que tambem não conseguiu aguentar-se com os balanços.

Era o alferes *Lata*, que se lamentava, muito desgostoso, por ter vomitado todos os «pratos frios» que tinha comido pouco antes.

E a breve trecho os quatro habitantes do pequeno jazigo roncavam como uns justos.

Estamos já no segundo dia de viagem e experimento levantar-me para ir comer, mas não consigo fazê-lo, pois o enjôo não me larga.

Sinto porém muita traça, pois ha 24 horas, que não meto combustivel. Tenho então uma ideia.

Chamo o meu ⁽¹⁾ *guarda-joias* e mando-lhe saber á cosinha o que era o rancho dos soldados, pois já não gravava a comida cebosa dos inglezes.

Era sopa de mangas de capote com feijão branco me veiu dizer o Manuel.

Optimo para desenjoar. Vaes já dizer ao cosinheiro, que me mande uma colher d'essa sopa.

O Manuel volta d'ahi a pouco e apresenta-me uma lata cheia.

(1) Não concordo com esta designação de guarda-joias dada aos impedidos dos officiaes. Eles não guardam joias, pelo simples motivo de que os officiaes no geral não teem joias.

Acho mais próprio o nome de «Escovas», porque todos os serviços de limpeza que desempenham, são feitos com uma escova.

Limpam o cavallo com uma escova (brussa m.73, termo regulamentar), engraxam as botas do patrão com uma escova, limpam o cinto com uma escova, lavam o fato de cotim servindo-se de escova, se o patrão não se zanga, tambem lhe escovam o fato com a mesma escova, que serviu para limpar o solipede e quando calha, tambem metem a sua escova, para andar tudo bem escovado.

Prégo-lhe um sabonete. — Mas tu julgas, que eu sou algum bruto?

Então o meu alferes está tão fraquinho; que não lhe deve custar muito bater a lata toda.

Vae para o diabo.

Consegui comer um quarto de lata e senti-me mais confortado.

Em seguida deitei a cabeça no travesseiro e em breve estava a sonhar com as mangas de capote ⁽¹⁾ e a massa de estalo ⁽²⁾.

Estamos a 2 de Fevereiro.

Acordo madrugada alta, pois já não tenho mais folego para dormir. Miro a cebola que marca 5 horas.

Levanto-me e corro á sala de jantar, para beber um copo d'agua. Passo junto d'um grupo de soldados estendidos no chão. Um d'elles sonha em voz alta e chama pela Maria.

Continuamos sem saber onde vamos desembarcar o nosso esqueleto, pois isso constitue segredo. Só o comandante do navio o sabe.

Pelas 7 horas ouço enfim uma voz, que vinha do corredor proximo:

«Terra á vista».

Nasceu-me uma alma nova e rápido saio do meu esquite.

Visto-me n'um ápice.

Olho para o espelho. Tenho barba de porta-machado. Barbeio-me, mas com a pressa consigo fazer dois golpes nos queixos.

O enjão tinha-me passado como por êncanto.

(1) Macarrão grosso.

(2) Feijão branco.

Completada a minha toilette, subo ao convez.

A alegria é geral. Passo junto d'um grupo de soldados. Um toca no harmonio módinha da sua terra, como a dizer da saudade da mãe ou da noiva que ficou lá na terra e os outros acompanham cantando, sorrindo, conscios da sua calma, entregues ao seu Destino.

O navio ia a entrar na bahia de Brest. O coronel Gomes da Costa auctoriza o desembarque de alguns officiaes.

Vejo-me finalmente em terra. Deixei portanto de me considerar um batraquio.

Surprehendeu-me ver tudo coberto de neve, pois tal espectáculo era novo para mim. A cidade com os seus esgalgados campanarios de igreja e as suas imensas fabricas pareceu-me feia e sorumbatica.

Na bahia alguns barcos de guerra, arvorando a bandeira tricolor, mostravam-nos a majestade bélica dos seus canhões monstros.

Embrenhei-me pelo meio da cidade ao acaso para me dirigir ao telegrafo.

Nas ruas com a neve calcada, eu escorrégo a cada instante e vejo-me na necessidade de me agarrar ás paredes das casas.

Decididamente não tinha geito nenhum para patinador.

Encontro enfim um habitante e pergunto-lhe onde fica o telegrafo.

Para lá me dirijo e mando um telegrama para minha esposa. Duas palavras apenas: *Ceguei bem Brest.*

A' sahida da estação telegrafica, dou de cara com o alferes Prazeres.

Fomos cavaqueando.

O frio era de morrer gelado. 18 graus abaixo de zero.

Vamos beber um café.

São 10 horas e sinto uma fome de cão.

Alvitro ao Prazeres: e se nós fossemos comer a uma tasca?

Bela ideia. Vamos a isso.

Começamos a nossa exploração e em breve encontramos um restaurant.

Na tabuleta tinha uns modestos dizeres :

Au Colimaçon — Restaurant

Entrámos e pedimos a lista. Havia poucos pratos, mas a nossa surpresa foi grande quando lemos entre eles: *Morue á la Portugaise.*

Venha o bacalhau, gritamos os dois ao mesmo tempo.

Servido o fiel amigo, comemos mais uns ovos «sur le plat» bebemos uma agua pintada a que o francez chama *vin rouge*, tomamos um café e pagos os francos d'esse apetitoso almoço retirámos com o ventre alegre e bem disposto.

Dêmos mais umas voltas pelas ruas de Brest, que pouco interesse nos despertou e pelas quatro horas da tarde recolhemos a bordo, pois o comboio que nos havia de transportar ao front, ainda não estava prompto.

No dia 4 estava tudo em ordem para seguirmos para a frente.

Verifico, que os meus impedidos, cavalo e bagagem já estão embarcados e enfio-me ao acaso para um compartimento de 1.^a classe, onde vejo já instalados o Tenente Baptista e o Alferes Penedo, ambos de infantaria.

Pelas 9 horas da noite partiu, pesado e soturno, o comboio que levava o primeiro contingente de tropas portuguezas com destino á frente de batalha.

Encolhidos aos cantos, como que a procurarmos defesa contra o intenso frio que fazia e que nunca suportáramos — 18 graus abaixo de zero — procurámos dormir, mas em vão. A neve cahia em flocos no tecto da carruagem e incrustava-se nos vidros das janelas, transformando-a assim n'um autentico frigorifico.

Como vamos conservados em gelo, disse eu para os meus dois companheiros, devemos lá chegar com certeza em bom estado.

Tinham-nos dito á saída de Brest, que durante a viagem havia estações militares de alimentação e confiados n'isso não traziamos conosco reservas algumas.

Na estação de Alençon, a 400 kms. de Brest, onde parámos pela tarde do dia 5, consegui apanhar por 2 francos, quasi a soco, no respectivo bufete, uma sandwiche de carne que apenas me tapou um pequeno buraco do estomago.

Eram mais de quinhentos os assaltantes ao bufete. Ficou tudo limpo em menos de 5 minutos.

Muitos não sahiram da carruagem, por se encontrarem bestializados com o frio.

Iamos já no segundo dia de viagem, que decorria estúpida e monótona, pois tínhamos exgotado o nosso repertorio de piadas.

A vista dos campos, cidades e vilas cobertas de neve aborrecia-nos horrivelmente e ardiamos n'um desejo irremprimivel de chegarmos ao fim.

Entorpecido pelo frio, tinha por vezes a sensação de que o coração já não pulsava. Sentia-me entupido e raro falava com os meus companheiros, que sofriam como eu. N'uma carruagem de 3.^a classe, morre com o frio um 1.^o cabo de infantaria.

Um pouco antes de Monterôlier o comboio parou. Não podia avançar, porque a via estava cheia de montanhas de neve.

Só ao fim de 6 horas se conseguiu desobstruir a linha e o comboio poudo partir para Monterôlier, onde tivemos uma paragem de meia hora.

Aproveito para fazer a exploração dos recursos locais.

Havia um hotel em frente da estação, mas no bar apenas consigo beber um copo de vinho, que parecia agua pintada.

Os outros que tinham chegado primeiro, tinham comido a trincadeira toda.

Passamos em Abeville e depois em S. Pol onde parámos para nos distribuirem uma ração ingleza, que se compunha de corned-beef, pão duro e queijo.

Finalmente matámos um pouco a traça.

Depois veio Ostreville e por fim Aire-sur-la-Lys, que era o terminus da nossa viagem e aqui chegámos pelas 2 horas da tarde do dia 7.

Gastámos pois 65 horas n'este percurso de 700 kms.

O bom humor na guerra

O bom humor na guerra em França, manifestou-se sob as duas formas: a poetica e a prosaica.

Na poetica deveras avultada, aparecem-nos producções de toda a especie desde a simples quadra de pé coxo do soldado anonymo até á poesia d'um lirismo admiravel do capitão André Brun escriptor e humorista distincto de tão saudosa memoria.

Em todas elas porém se observa o humor, que sempre e através de todas as agruras da guerra acompanhou essa gloriosa malta e muitas reçumam verdades muito embora mordazes.

As producções poéticas são em numero ilimitado, por isso limito-me a citar as seguintes, para amostra:

Canção

O «Ganga» nas trinchas

Meus amigos, esta vida
P'ra quem lida
Com fogo noite e dia
E' uma espiga
Quer por cima, quer por baixo
Temos que estar de vigia!

Se a gente desanima
N'uma carga de morteiros,
Então adeus ó vindima
Cahe-nos toda a tralha em cima
De pesados e ligeiros!

Vem um morteiro
E faz «paz»
Logo a malta olha para o ar!
E depois «paz»
Dar aos butes para cavar!

Por isso eu digo
Ao meu amigo
Qu'este «assistema» é muito forte
E' preparar para cavar
E assim escapar
A' negra morte!

Não querem acreditar
Sem troçar
Que o soldado portuguez
Em vez de ser bem tratado
Muitas vezes tem gramado
Um pãosinho para dez!

Se isto assim continúa
Com a barriga atrazada,
Eu posso-vos afiançar
Que os alemães vão gramar
Algum combate á dentada!

Dá-se um pulo
E «zaá»
Salta-se logo à trincheira
E depois se faz
O raid d'esta maneira!

Por isso eu digo
etc.

Ha para ahi varios meninos
Muito finos
Que *Cachapins* são chamados,
Usam calças como a gente
Mas o trabalho é diferente
Porque estão sempre anichados!

Quando ha bombardeamento
E termina a *trólitada*
Dizem com caras larachas:
«Nós fizemos muitas baixas»
Sem sahir da rectaguarda!..

Vae-se á Brigada
Não é nada
Os gajos são aos montes!
E o resto da gajada
Metida nos Batalhões!

Por isso eu digo
etc...

Mesmo com a nossa aliada
E' usada
As maneiras cá do Zé!
Em se pondo um portuguez
Ao lado d'um inglez,
E' sabido que ha banzé!

Quando reúne a gajada
 Dão murros, trocam facadas!
 E dá vontade de rir
 Ver os gajos cair
 Com pontapés e marradas!

Vem um do lado
 E «zás»
 Mete logo uma rasteira!
 E outro «paz»
 Dois socos na focinheira!

Por isso eu digo
 etc...

*

O Piolho do soldado

Musica da Canção «O Cigarro do Soldado» da revista «Ceu Azul»

O piolho é um amigo
 Que na paz ou no perigo
 Acompanha o soldado
 Ao morder a gente sente
 Que ele morde contente
 Para ser alimentado.

Lá no campo de batalha,
 Entre a furia da metralha
 O piolho é um achado
 Nas costuras da camisa
 N'uma linha estabelecida }
 Do pescoço até ao rabo } *bis*

Quando há algum combate }
 Também assiste ao ataque, } *bis*
 Lá na sua posição, }
 E na lucta corpo a corpo }
 O piolho vae ser morto } *bis*
 Ao golpe d'um alemão }

Ha piolho francez.
 Ha piolho inglez,
 Ha piolho alemão ;
 Ha piolho italiano
 Ha piolho americano
 Eu tenho a convicção.

Ha piolhinho francez
 Ouço dizer muita vez
 Ao civil e ao militar
 Quem combate n'esta guerra
 Tem piolho como terra,
 Anda-se sempre a coçar.

O piolho assentou praça, }
 Povoou a sua raça } *bis*
 No corpo dos mobilizados; }
 E então ele hoje em França }
 Vae enchendo a sua pança } *bis*
 Com o sangue dos soldados }

O piolho lá na frente
 Acompanha toda a gente,
 Mostra sua valentia,
 Está sempre vigilante,
 Mordendo sempre arrogante,
 P'ra acordar a infantaria.

E' deveras um guerreiro
Um valente companheiro
Que não nos deixa ter somno;
Quando sente o alemão
Ferra logo o seu ferrão
E põe alerta o seu dono.

Põe alerta a Divisão
Põe alerta o Capitão
E põe alerta o Major;
Põe alerta officiaes
Põe alerta generaes
E o seu Estado Maior.

No dia da ofensiva
Foi grande a sua fadiga
A morder como se vê;
Mer'ceu bem uma medalha
Lá no campo de batalha
Poz alerta o C. E. P.

*

O celebre corned-beef, que nos era fornecido na ração de campanha também teve a honra de ser cantado na seguinte parodia:

Parodia ao «Corned-beef»

O Corned-beef é um amigo
Quer na paz quer no perigo
Quer na Base quer na frente.
Tem o gosto a carapau
Sabe melhor que o bacalhau
Comido por toda a gente.

Nas horas de ansiedade
 E' lembrado com saudade
 P'lo soldado e p'lo Major.
 E' comido sem ser quente
 Pelo Alferes e p'lo Tenente } *bis*
 E pelo Estado Maior

Entre a furia das granadas
 Co' ele fazem patuscadas
 E' papado como mel.
 Comem-no mesmo sem pão }
 O Cabo e o Capitão } *bis*
 E até mesmo o Coronel.

E' comido p'lo francez,
 E' comido p'lo inglez,
 E' comido p'lo alemão,
 E' comido p'lo italiano,
 E' comido p'lo americano,
 Tenho a convicção.

O proprio Cabo do lixo
 Co' uma lata mata o bicho
 Ao começar a limpeza,
 Pois precisa andar direito, }
 Ter aprumo e ter geito, } *bis*
 E varrer com ligeiresa.

Com a bela cebolinha
 Uma lata bem fresquinha
 Bem quentinha no fogão,
 Dá prazer ao mais guloso
 Que os beiços lambe de goso } *bis*
 E alarga o cinturão

Na mess mais abastada
 Quando a ração é cortada,
 Não se assusta o cosinheiro;
 Porque tem como reserva
 O Corned-beef em conserva } *bis*
 Que não lhe custa dinheiro. }

Dá vigor á Divisão,
 Dá vigor ao Capitão,
 E dá vigor ao Major;
 Dá vigor aos officiaes, }
 Dá vigor aos generaes, } *bis*
 E ao Estado Maior. }

No dia da ofensiva
 Foi grande a sua fadiga
 — Comido como se vê —
 Mereceu bem ser louvado }
 O Corned-beef coitado } *bis*
 Foi papado p'lo C. E. P. }

*

Fado do Cachapim ⁽¹⁾ do C. E. P.

(Musica do «Fado do Ganga»)

Meus amigos n'esta terra
 Viva a guerra
 Hei-de gritar sempre assim
 Visto não correr risco
 De ficar feito em cisco
 Pois que sou um cachapim

(1) Chamava-se na França cachapim aos officiaes do Estado Maior e outros que serviam na retaguarda.

De cinturinho á ingleza
Minha elegancia faisca
E na tropa portugueza
Não se vê maior beleza
Cá comnosco ninguem risca.

Vae se ao Aire e paz...
Mais p'ra além não sou capaz
A Roquetteiro e pim
Cá ficarei até ao fim.

Por isso digo
Ao meu amigo
Que este assistema
E' mesmo assim
Vim p'rá guerra
Sem correr perigo
Pois n'esta terra
Sou cachapim

Pim

Mas um dia n'esta Escola
Que graçola
Onde se lança a granada
Meteram-me uma na mão
Disse-lhe logo que não
Lá d'isso não tomo nada!

E' assim nossa vidinha
Não estamos p'ra nos ralar
Venha correndo a massinha
Viva a santa pandeguinha
Toca a rir, toca a folgar!

Adeus cama fofa! . . .

Um oficial aboletado á rectaguarda n'uma casa onde tinha uma cama divinal, recebe ordem de marchar para a frente e compoz a seguinte alegre poesia:

Cama minha fofa que vou deixar
Pela dura e fria maca lá da frente
Fica-te em paz, té que a sorte inclemente
Deixe que teu seio possa inda gosar.

E se o destino acaso te poupar
A' furia boche . . . ou d'outra gente,
Guarda um pouco d'esse calor tão quente
P'ra quando um dia eu de lá voltar.

Mas se o Von da Costa por ventura,
Já que não quer a nossa rendição,
Surja um dia, em epoca futura
E em ti se deitar, o matulão . . .

Oh! rebenta-me essas molas; faz-te dura,
Espeta-me com êle no meio do chão.

*

E fico por aqui pois o bom humor sob a forma poetica foi ilimitado e as produções n'este genero dariam para encher um grosso volume.

Isto é apenas uma amostra.

Sobre o bom humor na vida diaria da campanha, muito ha que contar e ele revelou-se tambem d'uma forma notavel, quer nas proprias linhas de combate, quer no convivio com os habitantes em que devido ao desconhecimento da lingua franceza por parte da quasi totali-

dade dos combatentes portuguezes teve aspectos d'um cómico irresistivel.

Citarei alguns episodios, uns passados comigo mesmo e outros de que me foi dado conhecimento por camaradas meus o que bem prova a boa disposição que animava sempre tanto officiaes como praças n'essa longa e fatigante vida das trincheiras, mesmo nos momentos de maior actividade bélica em que as nossas vidas podiam ser ceifadas, como succedeu a tantos dos nossos companheiros de luta.

Vinho de Portugal

O meu Batalhão (Inf. 23) chegára no dia 2 de Março de 1917 á aldeia de Enquin-les-Mines, onde eu me encontrava já preparando o seu acantonamento.

Em certo dia foi pelos Serviços Administrativos descarregado na rua, em frente do Deposito de viveres, um pipo de 500 litros de vinho remetido de Portugal.

Foi um verdadeiro successo.

Eu tinha ido desempenhar qualquer serviço e assim não estava presente para o pôr a bom recato.

Mas os nossos magalas que vagueavam, proximo, ao verem descarregar o precioso liquido, logo rodearam a enorme pipa e começaram de farejar por todos os lados, vislumbrando desde logo facil e certo assalto ao saboroso nectar de que eram naturalmente gulosos.

Com uma verruma tinham feito varios furos no bojo da pipa pelo quaes meteram umas palhinhas e assim chupavam a bela pinga, que eles coitados, ha muitos dias, nem sequer provavam.

Ora, foi n'esta altura, que eu cheguei ao local do crime e como não podia deixar de proceder contra os assaltantes, dei com energia a voz de sentido e todos se voltaram para mim, como que electrizados, perfilando-se.

Mandei-os formar e em seguida disse-lhes, que ia

participar o facto ao Sr. Comandante, para receberem o castigo merecido.

Logo um dos magalas mais afoito pediu licença para me falar.

Fale, disse eu.

Ó meu Alferes, faça favor de nos desculpar. Nós ha muitos dias, que não bebiamos uma pinguinha do nosso *briol* e ao vermos a pipa não resistimos á tentação. Foi o diabo que nos tentou. Já bebemos adiantado.

Está bem, concordei eu, mas vou dar-lhes um castigo mais leve, visto que desisto de participar ao nosso comandante.

E fil-os rebocar a enorme pipa, que pesava uns 600 kilos para dentro do quintal onde estava o Deposito, para evitar novo assalto, com o que me ficaram muito agradecidos.

Mr. le Maire

O meu Batalhão continúa acantonado em Enquin-les-Mines.

Encontro-me aboletado em casa de Mr. Pruvôt, Maire da povoação.

D'aqui ao front são 36 km. em linha recta.

Mr. Pruvôt apresentou-me a sua esposa, mulher do tipo gordo, vulgarmente conhecida na giria da guerra por *tronga* e em seguida a sua filha M.^{elle} Lucienne, tipo *mignon*, espinafre de 18 anos, sem beleza, mas simpatica e viva.

A família Pruvôt, que pela primeira vez falava a um official portuguez, mostrou-se logo muito interessada em saber alguma coisa do meu paiz, pois até a sua situação geografica ignorava.

Não fiquei surprehendido com o facto, pois por todos os logares da França onde já tinha passado me chamaram

russo, polaco, italiano e até policia francez, mas portuguez é que nunca.

Dei-lhe pois de bom grado uma lição de geografia e historia de Portugal em que não me esqueci de dizer, que eramos a 4.^a potencia colonial e tinhamos tantos soldados, que estavam a caminho da França 50.000.

E a satisfação d'esta familia foi tão grande por lhes ter proporcionado proveitosa lição, que fui convidado por Mr. Pruvôt para tomar chá no dia seguinte.

«Mademoiselle Ramboia»

O quarto em que estava aboletado em casa de Mr. Pruvôt, tinha todo o material inherente a uma repartição de dormir considerada de luxo e até tinha édredon na cama.

Tanto conforto e a consideração que esta familia já me dispensava, fazia-me cócegas e sentia-me como peixe n'agua.

Normalmente depois de jantar na mess, seroava com a familia Pruvôt na casa de jantar, para matar o tempo.

Lucienne mostrava-se sempre amavel e ao mesmo tempo ladina.

E a sua gaiatice começou de manifestar-se no seguinte episodio.

Certo dia sahi do quarto pelas 8 horas da manhã e ao regressar mais cedo do que era meu habito, deparei com este espectáculo:

Lucienne vestida com o meu uniforme escarranchada no meu cavalo, estava a tirar o retrato no meio da rua.

Aproximei-me e notei-lhe um certo comprometimento, talvez por ter vestido a minha indumentaria, sem me ter pedido licença.

Mas o mais curioso, foi, que ela tinha os calções com a preguilha para o trazeiro. Achei muito comica a trapa-

lhice feita e apresentando-lhe os meus cumprimentos disse-lhe sorrindo:

M.^{elle} vous êtes très bien à cheval!

Lucienne respondeu-me n'um *merci* em que havia um tanto de despeito.

Para esta mascarada tinha sido muito facil a Lucienne convencer o meu *guarda-joias* a aparelhar o meu cavalo e entrar no meu quarto onde vestiu a minha farpéla.

Que grande ramboia!...

Soirée dorée

Lucienne continúa irrequieta.

N'essa mesma tarde, diz-me que é seu desejo apresentar-me a sua irmã, casada com um dos directores das minas de carvão de Fléchinelle e que reside n'um chalet a 2 km. de distancia.

Anuí ao convite, agradecendo a lembrança.

No dia seguinte pela tarde, Lucienne mandou engatar uma mulinha preta no seu carrinho de duas rodas, que nos conduziu a Fléchinelle. Ahi chegámos pelas 5 horas.

Lucienne apresentou-me a sua irmã e a mais três senhoras, que estavam na sala.

Alice, assim se chamava a irmã de Lucienne, era de estatura regular, grande cabeleira loura, olhos azues suaves e bastante formosa appareceu-me elegantemente vestida, sem prosapias, como um apetecido rebuçado d'ovos, um pouco leviana talvez para a minha sensibilidade moral e desde logo a retratei como uma dessas mulheres, que só teem como único objectivo tirar da vida com todo o criterio os maiores prazeres, que ela lhe possa fornecer.

Eu era o unico homem presente e como a soirée me era dedicada, senti-me um tanto desvanecido.

Vi-me portanto cercado. A todas as senhoras despertara natural interesse, tomar contacto espiritual com um filho do Portugal das conquistas e de que começaram a

ouvir falar com louvores após a chegada dos primeiros contingentes das nossas tropas a Aire-sur-Lys, cidade que distava d'estes sitios apenas 10 km.

Choviam sobre mim as perguntas sobre o meu paiz e eu embora não me sentisse muito á vontade, esforcei-me o melhor que poude, para não fazer má figura diante d'estas cinco interessantes e inteligentes mulheres e em especial de M.^{me} Alice a mais palradora de todas, que em dada altura me apresentou um artistico album contendo umas folhas manuscriptas da ultima das quaes constava um questionario para eu escrever as respostas.

Transcrevo o referido questionario e as respostas que dei.

Questionario

Qual é que prefere, a mulher loura ou morena?

R. — A de meias tintas.

Porquê?

R. — Porque as louras são levianas e as morenas muito sensuaes.

A alta ou a baixa?

R. — A que for da minha altura.

Porquê?

R. — Para não me ficar superior sendo mais alta e para eu não ter que me baixar, se ela for mais baixa.

A gorda ou a magra?

R. — A de meias carnes.

Porquê?

R. — Porque consome menos carvão e porque sempre apreciei a mulher elegante.

A inteligente ou a banal?

R. — A inteligente.

Porquê?

R. — Porque assim, compreenderá melhor o esposo.

A que se enfeita ou a modesta?

R. — A que se enfeita sem contudo se mascarar.

Porquê?

R. — Porque assim me agradará sempre.

A que ama o luxo ou a economia?

R. — A economia se for só eu a pagar as contas.

Porquê?

R. — Porque é a mais conveniente ao meu orçamento de via reduzida.

O homem deve dizer á mulher tudo o que faz?

R. — Só aquilo que lhe convier.

Porquê?

R. — Para não ter que mentir.

Como deve o homem tratar o seu lar?

R. — Revestindo-o sempre da maxima seriedade quer por palavras quer por obras.

Porquê?

R. — Será a maneira de ser feliz e fazer feliz a mulher.

Se o Sr. Alferes, não fosse militar qual a funcção civil que queria seguir?

R. — A de ministro de Portugal no Polo Norte.

Corria o dourado champagne da marca *Chandon* nas taças finas de cristal. M.^{me} Alice oferece-me uma taça. Bebo pela victoria da França e dos seus aliados.

Todas as damas correspondem com entusiasmo ao meu brinde.

Bebem muito razoavelmente.

M.^{me} Alice oferece-me uma nova taça, mas eu recuso-a alegando, que receiava embebedar-me e isso não convêm ás circumstancias do momento.

M.^{me} diz-me, que «ça ne fait rien, moi-même je suis zig-zag».

Eram 7,30 da tarde, quando Lucienne me veiu segredar que tínhamos de regressar a penates, pois já tinha o carro á porta.

Não me apetecia nada despegar-me do meu fofo fauteuil.

Parecia ali n'aquela eden, um menino nas mãos das bruxas.

Mas se eu estava aboletado em casa de Lucienne e tinha vindo no seu carro a seu convite, não podia contrariá-la no seu desejo de retirar, pois aproximava-se a hora de jantar.

E feitas as despedidas do protocolo com os meus maiores agradecimentos a M.^{me} Alice pela deliciosa tarde espiritual que me tinha proporcionado, lá me meti, com Lucienne, no carrinho de toldo, cuja mulinha de ancas roliças fustigada pelo chicote do conductor meteu a trote ligeiro pela estrada cheia de neve, que conduzia ao chateau do meu amavel hospedeiro em Enquin-les-Mines.

E pelo caminho eu fui sempre a recordar a infavel impressão que causara ao meu espirito, M.^{me} Alice, essa franceza linda, inteligente e jovial que eu ouvira com um mixto de curiosidade e admiração, mas em que não havia nada de sensual!...

«Rapsodia chez Mr. le Maire»

Enquin-les-Mines, 7-3-1917.

Quero d'alguma forma demonstrar a M.^{elle} Lucienne a minha gratidão pelas gentilezas, que me tem dispensado e ao mesmo tempo confirmar a fama da alegria dos portugueses, que corre mundo no velho estribilho: «Les portugais sont toujours gais» e assim resolvo organizar um sarau literario e musical com a colaboração de alguns dos meus camaradas que eu escolhi entre os bem humorados. São eles: o tenente Casimiro o poeta soldado, e os alferes Alexandre Moraes, humorista de fama, Baptista da Silva, Mota e Lorga.

Como estava aboletado em casa da familia Pruvôt, eu não tinha local mais proprio para o efeito e pedi a Lucienne a cedencia do seu salão, comunicando-lhe a minha intenção, ao que ela anuiu gostosamente, pois tratava-se d'um pequeno pic-nic em familia...

Ela o que queria, era rapióca.

No dia seguinte e após um pequeno ensaio, pelas nove e meia da noite, reuni os comediantes da festa.

Como a noite estivesse muito escura, cada um levava uma vela acesa e assim entrámos na sala com o alferes Mota à frente, tocando no bandolim uma horrivel marcha funebre.

Apresentados todos ao Maire e aos restantes membros da familia entreguei a Lucienne o programa do sarau, que segue:

PROGRAMA

Do sarau em honra da Família Pruvot por um grupo de officiaes do B. Inf. n.º 23 sob a direcção artistica do Alf. Mario Carvalho.

Ouverture, de Cabrito Macho—piano, por M.^{elle} Lucienne Pruvot

Chegada dos Lusitanos—versos pelo Alf. Alexandre Moraes.

Ditos de graça—prosa pelo Tenente Augusto Casimiro.

O Pica-pau, poesia de Canteiro do Quintal—pelo Alferes Baptista da Silva.

Il faut être sage—rapsodia em verso, pelo Alferes Mario Carvalho.

Fado do ganga—canção pelo Alferes Mota.

Rosca de Hercules—versos pelo Alferes Lórga.

Toujours gais—marcha em bandolim pelo Alferes Mota.

N. B. — No final do sarau será servida uma optima ceia, oferecida pelo Provisor do B. e que constará de batatas fritas e vinho carrascão.

E cada um vae-se como pode
Pois acabou-se o pagode

Trajo = de campanha com
botas engraixadas.

Todos os números do programa sahiram á la diable, mas a familia Pruvot achou muita graça e pedia sempre «bis»

Os intervalos foram muito grandes, porque a animação também era muita.

Augusto Casimiro com a sua conhecida verve falou pelos cotovelos, o que foi o encanto de M.^{elle} Lucienne.

Lucienne continuou a mostrar-se uma mulher muito espirituosa e alegre.

Passava da meia noite quando após a mastigação das batatas fritas, na minha qualidade de chefe do protocolo, preveni os meus camaradas de que era preciso bater em retirada.

Feitas as despedidas, sahiram todos de casa do Maire, encantados com êste serão improvisado é certo, mas que nos tinha proporcionado uns momentos de agradável convivio com algumas damas da élite de Enquin-les-Mines.

O Sr. Pruvot fora porém insipido e banal.

A meio do sarau oferecera-nos uma garrafa de vinho tinto da sua cave.

Disse-me depois o Alferes Mota, que o copo d'este vinho que bebera, lhe estragára os bofes.

E o Maire ficou assim a ser alcunhado de «Miguel Estragabófe».

*

No primeiro dia de serviço, chamei o meu guarda-joias (ainda pouco civilizado) e disse-lhe para me aparelhar o cavalo e de caminho, que me engraixasse o meu cinto.

D'ahi a meia hora vem comunicar-me:

Meu Alferes, a besta já está arreada e a cilha do meu Alferes já está burnida.

Estás a falar muito mal. Deves dizer assim: o cavalo já está aparelhado e o cinto engraixado.

Resposta do tipo: tenha a bondade de desculpar, meu Alferes mas nós lá na terra temos o costume de chamar besta a todos os alimaes.

O espirito de André Brun

Estamos acantonados em *Ecques*.

Tinhamos acabado de jantar na mess dos officiaes.

O orfeon sob a habil regencia de André Brun executara varios numeros do seu vasto programa terminando com a «Madelon».

O Alferes medico Castro Silva mostra ao Capitão André Brun um numero da Ilustração Portugueza, que inseria uma fotografia do Padre Avelino de Figueiredo e dos chefes da estação de correios Barjona de Freitas e Julio Rodrigues da Costa, de pistola á cinta e de capacete de trincheiras.

Fazem-se comentarios alegres. Os fotografados não precisavam de se revestir de taes attributos guerreiros para se mostrarem como heroes ou sacrificados, pois estavamos ainda a 30 km. das linhas.

Tal réclame além de ser exagerado cahia no ridiculo. André Brun, fazendo-se irritado, diz para nós:

Vamos protestar, estes tipos estão a armar em heroes e ainda não foram sequer ás trincheiras.

O Mario Carvalho escreva, o que vou ditar.

Peguei n'um papel e n'um lápis e escrevi o seguinte que me foi ditado por André Brun:

França, 16 de Maio de 1917

Ex.^{mo} Sr. Nosso Camarada

Os abaixo assignados, officiaes adidos de Infantaria 23, com uma ida ao front, tendo visto na Ilustração Portugueza de 7-5-1917 um grupo em que V. Ex.^a figura de capacete de trincheiras na cabeça, vem por este meio intimar V. Ex.^a a tirar o capacete.

Caso contrario os signatarios fotografar-se-hão de carimbo de correio na mão.

De caminho rogo a V. Ex.^a a fineza de não demorar as encomendas postaes.

(aa) *André Brun, cap.; Augusto Casimiro, ten.; Barros Basto, ten.; Abel Zuniga, ten.; Augusto da Cruz, alf.; Amaral, alf.; Mario de Carvalho, alf.; Correia da Cruz, alf.; Jesus Magalhães, alf.; Sarmiento Osorio, alf.;*

Baptista da Silva, alf.; Castro Silva, alf. med.; Moura Neves, alf. med.; Paes Gomes, alf.; Santos Mota, alf.; Vilhena Pereira, alf.; Lopes Rocha, alf.; Ferreira Lobo, alf.; Teixeira Lorga, alf.

P. S. — V. Ex.^a repartirá esta carta com o nosso camarada Julio Rodrigues da Costa, dignissimo livre pensador e estimado revolucionário republicano. O nosso capelão Avelino Figueiredo que trate de requerer para ir á 1.^a linha, ou abrimos todos corôa.

Esta carta foi endereçada ao Sr. Barjona de Freitas, chefe da Estação postal e foi publicada na I. P. de 4 de Junho de 1917.

*

Um sargento em conversa amena com um habitante é interrogado por este sobre a arma a que pertencia.

O sargento responde muito ufano:

«Je suis du fusil d'infanterie».

Peles de coelho

A scena passa-se n'uma Escola de instrução na rect-guarda.

No ultimo dia de instrução, dois soldados d'um Batalhão de infantaria conversam animadamente.

Um d'êles, que se chamava Coelho, diz para o camarada com ar de enfadado: que pena já ter tocado a alto á instrução, estávamos aqui tão regalados, amanhã já vamos para o front e se calhar vou lá deixar a pele.

Responde-lhe o outro: o esqueleto ainda tu podes lá deixar, mas a pele tem o nosso Primeiro que a entregar ao nosso Alferes Provisor, porque sahiu hontem á ordem para serem aproveitadas para os inglezes todas as peles de coelho.



Laventie

*Il est venu, bon et généreux
Donner son sang par notre pays,
Je l'ai vu, loyal, amoureux
Dans ce petit coin de Laventie!...*

(I. E. E.)

Laventie 9-7-1917

O meu guarda-joias, o «Marrafas», que aliáz é um excelente moço, veio comunicar-me, muito desconsolado, que na mudança do acantonamento, tinha perdido a brussa m 73 da limpeza do cavalo e não sabia agora como o havia de limpar.

Tu sabes bem, que eu sou muito disciplinado e por isso não monto, sem que o solipede esteja convenientemente limpo e com as botas engraixadas.

Mas meu Alferes, aqui n'esta terra não vendem brustas, pois já as procurei por toda a parte.

Pois muito bem, vamos remediar o caso, conforme é possível, aqui tens; e dei-lhe uma escova das unhas para limpar o cavalo.

O «Marrafas» ficou sem fala e quasi tinha uma sincope.

*

Epitafio

Ao primeiro soldado do B. I. 14 morto nas linhas de combate.

(Cruz de Pau de 1.^a classe)

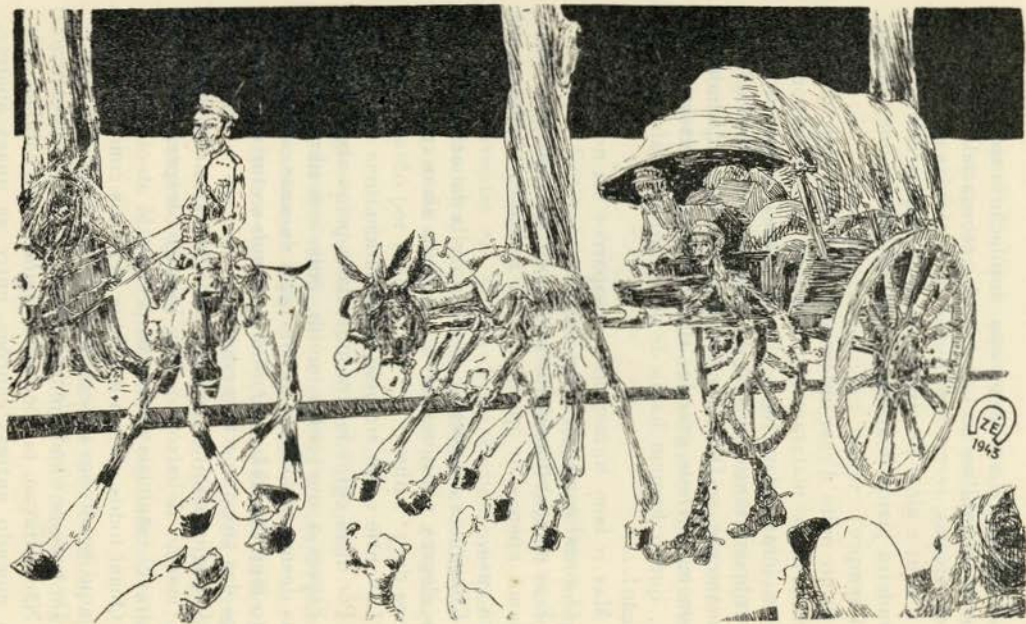
A morte sob a metralha
Foi o fim d'este soldado.
Levando para mortalha
Um cobertor enrolado!

Não chegou no seu peito
A luzir a Cruz de Guerra,
Por modos fez-lhe geito
Ficar já n'esta terra,
O que não é nada mau
Ganhando uma cruz de Pau!

Laventie 1917

No dia 9 de Julho o Batalhão recebe ordem de partir para Laventie, afim de defender este sector.

Marcho á frente do meu Trem e sigo na cauda do Batalhão.



Os habitantes e outros animais assistem entusiasmados ao desfile do trem regimental

Continuo a ver a mesma desolação a que os meus olhos já se habituaram; as estradas esburacadas, as arvores decepadas, terras abandonadas revolvidas pela metralha e aqui e além pequenas cruces de pau a marcarem a derradeira jazida dos martires sacrificados e que caíram para sempre!

E no meio d'esse inferno de metralha onde milhões de homens se mataram com tamanha crueldade como se fossem feras esfaimadas, olhando essas campas floridas que cobriam tantos heroes, eu preguntava a mim mesmo, intimamente, se Deus previra esta demencia, quando fez o homem, se Deus, grande; senhor do ceu e da terra, previra, que o homem havia de ser o animal mais feroz da criação!...

Mas o bom humor não desaparece na nossa tropa!
O moral continúa a ser excelente.

E as companhias lá vão para o seu novo sector, n'uma azafama apenas de quem está a mudar a mobilia para outra casa.

Chegamos a Laventié, pequena vila de meia dusia de ruas alegres e pitorescas e que dista umas centenas de metros da 3.^a linha.

Laventie é um simbolo do sacrificio.

Por duas vezes foi reconquistada pelos aliados.

Fiquei a querer-lhe muito, pois á sombra das suas casas desmoronadas ali me abriguei durante cinco mezes, que o meu Batalhão defendeu esse sub-sector da frente a cargo das tropas portuguezas.

Os seus habitantes agarrados á terra, não a deixavam mesmo debaixo do fogo inimigo desprezando com admirável estoicismo todos os perigos.

Quasi todos viviam dos seus negocios com as tropas. que aqui acantonavam em grandes efectivos.

De tudo se vendia em Laventie.

Não faltavam também os *estaminets* com estafado reajejo, moendo antigas canções, entre as quaes aparece, como predilecta da soldadesca a conhecida melodia Sous-

-les-ponts de Paris, que por vezes uma mademoiselle esquecendo as agruras da vida, entôa melancolicamente:

Après la guerre finie
Et les Portugais partis
Les françaises vont rester
En berçant leurs babys...

e que os nossos soldados acompanham alegremente em cântico, gastando os magros francos da sua subvenção de campanha na loura cerveja feita de arroz ou no café barato feito de caroços de azeitonas adoçado com sacarina!

*

Foi-me destinado o boleteo na estalagem de Mr. Joseph, pequeno prédio de gaveto, mesmo em frente da estação de caminho de ferro.

Ora Laventie era bombardeada diariamente por espaço de meia hora, em geral no principal cruzamento de ruas e na gare de caminho de ferro e assim a estalagem já tinha comido por tabela.

Não me sentia lá muito seguro.

Mas seguro não se estava em parte alguma.

Não pensei em mudar de poiso, mas a ocasião para o fazer proporcionou-se d'ahi a alguns dias.

O acaso fez-me encontrar o ⁽¹⁾ Alferes Barata da Rocha, bom amigo e melhor camarada que me levou a tomar uma cerveja a casa de M.^{me} Eeckoutte, na rua da gare e que ficava proximo do meu boleteo.

O marido de M.^{me} Eeckoutte tinha tombado no campo da honra.

M.^{me} vivia com a mãe, velhota dos seus 80 anos, uma tia carcassa que ficara para «tia», uma sobrinha sardenta,

(¹) Poeta primoroso e escritor de muito valor.

um filho de 15 anos e uma filha de 17, Ida Esther, a pérola da família a quem os ingleses tinham posto a pomposa alcunha de Gaby.

Não conheci a verdadeira Gaby, nem ainda vi qualquer retrato d'ela, não podendo por isso dizer se a alcunha lhe veio, pela semelhança que pudesse ter com a celebre bailarina.

Ida Esther, appareceu-me como o prototipo da mulher alegre a quem os azares da guerra e as dificuldades da hora presente não affligiam mesmo nada.

Bonita, elegante e muito viva, era considerada a mais interessante mademoiselle d'aqueles sitios e assim não havia alferes, sargento ou mesmo músico caréca, que não a requestasse, pois as pequenas não abundavam por aquellas redondezas e muito menos as caras bonitas...

Ousei então dizer-lhe, á laia de madrigal, que ela era uma flor perdida n'aquelle inferno de metralha.

C'est la guerre! me respondeu Gaby, n'um sorriso-triste, mas em que havia muito de resignação.

.....
M.^{me} Eckkoutte com a ajuda da restante família vendia tabacos na propria residencia e tinha ainda mais adiante na mesma rua um estaminet para venda de cerveja e café, vivendo portanto dos proventos d'esses negocios, que lhes davam para viverem com relativo bem estar.

Nas horas vagas do serviço lá ia por casa de M.^{me} Eckkoutte beber a minha cerveja e ouvir as tagarellices da Gaby.

Toda a família se mostrava satisfeita com a minha correcção, e M.^{me} chegou mesmo a dizer-me, que eu era *très gentil et le plus correct des officiers*, que tinham entrado na sua casa.

Em certo dia ao contar a M.^{me} Eckkoutte, que o meu boleto em frente da gare já tinha apanhado uns cacos de granada, estilhaçando os vidros da janela do meu modesto quarto, logo muito amavelmente me ofereceu o único quarto, que tinha disponível, o que eu aceitei de bom



Ida Esthez Eeckoutte

«GABY»

LAVENTIE 1917

Publico aqui esta fotografia, como justa e merecida homenagem a todas as mulheres francezas, cujo espirito de sacrificio e qualidades de coragem indomável e de abnegação, são dignas da maior admiração e respeito.

grado, atendendo a que apesar de toda a minha calma, eu já não me sentia lá muito bem na estalagem de Mr. Joseph.

Nos primeiros dias dormi no chão, mas depois M.^{me} lá me conseguiu arranjar uma cama com um colchão de arame.

Ficava porém com os pés de fóra e batia com as costas no chão, mas mesmo assim sentia-me no céu.

Abençoei aquela boa família.

Gaby

Gaby diz-me uma tarde, que quer aprender o portuguez e pede-me para eu lhe dar explicações.

A minha boa vontade porém esbarra a breve trecho com a sua negação em fixar as conjugações dos verbos e principalmente a pronuncia que se lhe tornava difficil, como de resto observei em todos os francezes com quem estive em contacto.

E, com bastante magua de professor e discipulá, as lições de portuguez, terminaram ao fim de 10 dias.

No entanto Gaby ainda aproveitou alguma coisa.

Ficou a saber dizer: Muito obrigado. Ensinei a família toda a pronunciar o meu nome proprio, mas não consegui. Fui sempre para esta boa gente: Mr. Mariô!

Musica . . .

A musica é a poesia da alma!

A musica suavisa as maguas, cicatriza as feridas do coração, levanta o moral e embala-nos a alma.

A musica faz-nos melhores. . .

Eu, sou d'aqueles, que julgo por isso serem indispensaveis as bandas de musica no Exercito.

De resto todos os governos das nações do mundo tambem assim o julgam e por isso os seus exercitos são

dotados de bandas de musica e charangas e o nosso não podia, como é obvio, ser excepção á regra.

Só os cegos de entendimento é que não veem isto.

A propósito, lembra-me ter lido algures n'uma revista técnica um artigo em que o seu autor opinava, que se devia acabar com todas as bandas militares, porque ficavam muito dispendiosas e que podiam ser substituidas por filarmónicas de musicos civis contractados pelos comandantes dos regimentos e a sua despesa feita pela verba destinada a diversas despesas. Que comico!...

Esqueceu-se porém o articulista de dizer se os musicos civis quando chamados ao quartel para acompanhar o regimento nas paradas ou exercicios se apresentavam de chapéu de côco e labita ou se vinham já fardados de casa!... E como é, que a verba destinada a diversas despesas já de si sempre escassa, podia chegar para pagar os ordenados aos musicos!...

Aqui no C. E. P. há uma banda por cada Brigada de Infantaria ou sejam 6 e mais uma no Quartel General do Corpo.

É pouco, se atendermos a que cada Brigada tem 4 Batalhões ou seja uns 5.000 homens.

Ora se a musica é destinada a levantar o moral dos soldados animando-os na marcha para o combate, succede, que ela devia tocar nas próprias trincheiras, para ser ouvida pelos que d'ela teem realmente mais necessidade.

Mas não toca nada...

E não toca, porque podia cahir-lhe em cima uma granada que escangalhasse a harmonia do conjunto!

Mas então onde toca?

Toca na rectaguarda, para os cachapins!

A musica levantando-nos o moral, é consequentemente um remedio eficaz para afastar o mau humor.

E assim, nós desejavamos que, como o sol, a musica fosse para todos.

Dormir... dormir... sonhar talvez!

Um comandante de companhia ao regressar das trinchas, para a delicia incomparavel da reserva na linha das aldeias, tirava a desforra, dormindo até fartar.

Se um intenso bombardeamento cahe perto do seu boleto, isso não lhe faz móssa, a sua ordenança tem ordem de não o acordar.

Um dia as granadas apertam e cahem mais perto do boleto e a ordenança não sabe se ha-de chamar ou não o seu oficial, que dorme como um justo.

Mas a chuva da metralha vae aumentando e os cacos já silvam a cem metros e então resolve chamar.

Meu Capitão, o alemão está a bombardear.

O Capitão açorda e zangado, diz-lhe:

Para que me chamas? Não te disse, que não me acordasses para coisa nenhuma?

Mas meu Capitão, estão já a cahir aqui os cacos!

Mas onde?

Aqui.

O Capitão verifica então onde cahem as granadas e como é a cincoenta metros, irritado, grita:

Acordas-me por causa d'esta porcaria!

A caqueirada em cascos de rolhas e tu tens a pouca vergonha de me acordar.

Vae para o diabo. Só me chamas quando os cacos cahirem em cima das telhas, percebeste?

A ordenança cumpriu a ordem d'ahi em diante, mas quando o seu capitão acordava zangado em consequencia d'uma explosão mais proxima, a ordenança entre risonha e zombeteira, observava-lhe:

Meu Capitão, ralhe agora ao alemão que o acordou.

«Carneiros lanzudos»

Todos conhecem e em especial os Alentejanos, os pelicos, indumentaria pastoril, feita de peles de carneiro,

para agasalho na época do frio intenso, especie de sobretudo e os safões, calças largas do mesmo material.

No inverno de 1917, foram distribuidos aos soldados dos postos de vigilancia, os ditos pelicos e safões, que eles vestiram com o pelo para o lado de fóra, o que lhes dava o aspecto muito caricato de grandes carneiros da Australia.

Então é que foi o bom e o bonito.

A primeira vez, que os alemães viram circular nas trincheiras os peludos serranos, o espanto foi de tal ordem, que um brincalhão mais atrevido se lembrou de gritar: Mé, mé... é... que logo foi repetido n'um delirio por todos os outros.

Foi uma autentica boiada.

Os nossos riram, mas feridos no seu amor próprio logo um 1.º Cabo assoma ao parapeito e brada para os alemães:

Carneiro será o teu pae!...

Um banho forçado

Estamos a 6 de Março de 1918.

Madrugada alta acordo ao estrondo da artilharia grossa.

Acendo a minha lampada electrica de algibeira, que tinha debaixo do duro travesseiro. São 6 horas d'uma manhã fria e nevoenta.

Levanto-me e depois de me lavar na agua gelada d'um improvisado jarro, bebo a minha chavena de café, que o meu guarda-joias sempre cumpridor me levava e monto em seguida, para ir ao meu trabalho diario.

O meu cavallo sente talvez menos o frio, do que eu.

O frio intenso parece, que me géla os proprios ossos.

Mal seguro as rédeas, pois tenho as mãos engandanhadas. Sigo a passo. O cavallo arrebita as orelhas, quando um floco maior de neve, que cahe, lhe fustiga como um açoite as ancas roliças.

Foi sempre um fiel amigo, mas d'esta vez deixou-me ficar mal.

A neve calcada da estrada formava uma espessa crosta brilhante e escorregadia, que obrigava o cavalo a fazer milagres de equilibrio para não cahir.

Passavam constantemente grandes camions conduzindo mortos e feridos que vinham das linhas.

Atravesso Neuve-Chapelle.

Vejo o Cristo na sua grande cruz, milagrosamente intacto dominando o montão de ruínas da que, antes da guerra, fôra uma pacífica e ridente povoação.

La já em meio da minha marcha de regresso, quando inesperadamente uma peça de artilharia pesada, que se encontrava á beira da estrada e' invisível devido á sua camuflagem, fez um tiro.

E ao estrondo enorme do monstro, o meu cavalo, sem me dar tempo para qualquer defesa, deu um salto para o lado e fomos cahir como uma massa dentro da valeta, que corria ao longo da estrada e que tinha uns 2 metros de profundidade.

Vendo o perigo n'um relance, desmontei-me e fiquei metido na agua lamacenta até aos peitos.

Com bastante dificuldade consegui sahir do charco, puchando depois o cavalo, pela redea, para a estrada.

Tornei a montar.

N'esta altura, começou a chover torrencialmente e meti a trote largo para o meu boleto a 5 km. do local.

O meu guarda-joias já me esperava e riu-se á sucapa ao ver-me cheio de terra.

Entreguei-lhe o cavalo, com a recomendação de vir ter comigo logo que o tivesse limpo e dirigi-me para a minha choupana, onde tratei de me ver livre de toda a minha farpéla encharcada e cheia de lama.

Passado um quarto d'hora, appareceu-me o meu guarda-joias, que me disse muito sorridente, ao mesmo tempo, que me dava um calice de rhum:

«O meu alferes, coitado, ficou tão encharcadinho, que parecia mesmo um pato marréco sem plumage ao sahir da agua».

*

«Os ratos obedecem á voz»

*A scena passa-se em La Fosse,
proximo de Neuve Chapelle.*

Tinha instalado o Deposito de viveres e vario material n'uma casa meio desmoronada pelo fogo do inimigo.

N'uma divisão de pequenas dimensões e que tinha poucos buracos fiz o meu escriptorio. N'uma outra pouco maior instalei a casa de jantar.

A mesa feita de caixotes de corned-beef, uma cadeira de fardos de palha e um guarda-lata tambem de caixotes, constituiam todo o rico mobiliario da improvisada casa de jantar.

Nós não tinhamos pratos. A baixela do serviço era toda de lata e os proprios manjares eram constituídos por latas de conserva.

Poucos dias depois da minha instalação, o meu cosinheiro, o «Pirilampo» veio ter comigo muito radiante e disse-me:

Meu Alferes sabe, que os ratos tambem obedecem á voz de comando?

Tu estás a chuchar comigo, ó «Pirilampo»?

Não senhor. Faça favor de vir ver.

Endoideceste com certeza, mas vamos lá a ver o que sahe d'ahi, lhe respondi aborrecido, mas curioso.

Encaminhou-me então para uma janela do Depósito, que estava aberta.

Não faça bulha, meu Alferes e olhe lá para dentro.

Olhei para o interior da casa e vi uma chusma de ratos, que procediam ao ataque d'um enorme queijo.

N'esta altura o «Pirilampo» grita em voz alta: Destroçar...

Os ratos é claro fugiram logo e o «Pirilampo» todo inchado exclama:

Vê, meu Alferes, que os ratos também obedecem á voz!...

Massa de estalo

No calão ou giria da caserna muitas das refeições dos soldados teem a sua designação especial e bastante cómica.

Assim temos:

Sopa de feijão engraixado, quando feita com feijão encarnado, que no final da confecção fica preto em razão de ser cosido em caldeiros estanhados.

Sopa de mangas de capote, quando feita com macarrão muito grosso.

Sopa de manta e cilha, quando de feijão mistura, couves e pão.

Sopa de boias, quando feita com bocados de pão que ficam a boiar no caldo.

Massa de estalo, é a sopa de feijão branco.

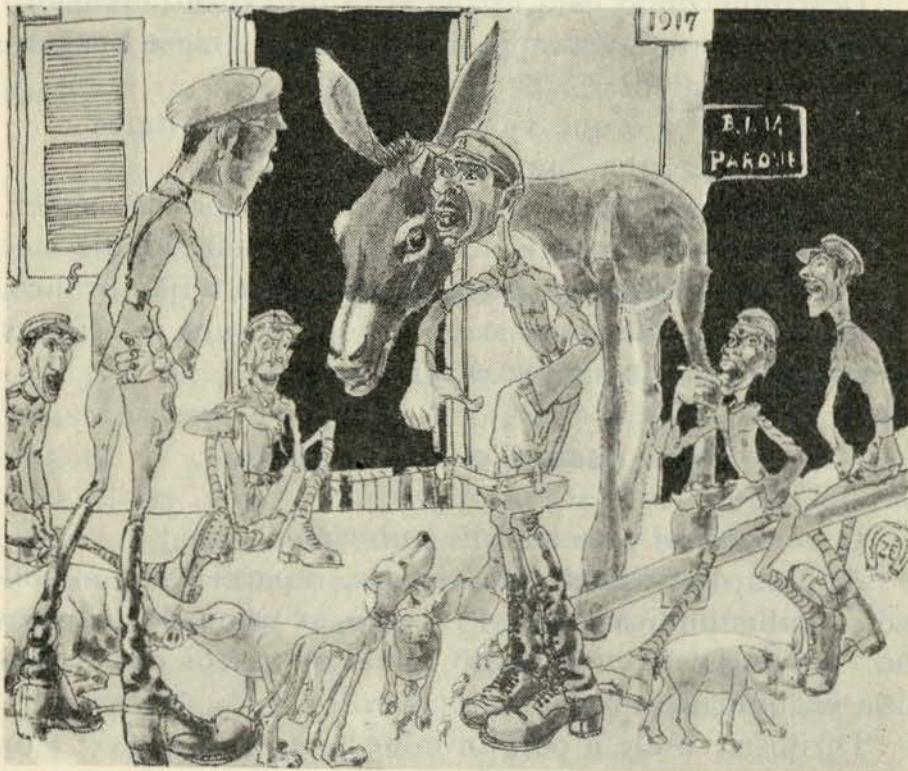
Cimento armado, é o arroz guizado.

Tóra ou *carne á sorte*, é a ração de carne ou chouriço que se deita na marmita de cada soldado quando já tem a sopa dentro.

Casqueiro, é o pão de munição.

Gravanço, grão.

A scena passa-se no terreno onde se encontrava o Trem regimental de que eu era o comandante (em Laventie).



Estou à espera do dia de juízo para a carne se juntar ao osso!...

Tinha-se feito a distribuição do rancho da tarde e os soldados espalharam-se pelo chão relvado para comerem.

Eu assistia passeando d'um lado para o outro.

A certa altura ouço um soldado dizer para o camarada do lado: «A massa de estalo hoje está boa».

Desconhecendo esta designação do rancho e curioso por saber o seu significado, dirigi-me para ele e perguntei-lhe:

Olha lá, ó 73 o que vem a ser massa de estalo?

Tenho vergonha, meu Alferes.

Vergonha de quê? Diz lá, porque eu preciso saber.

Então o 73, sorridente, mas com ar respeitador diz-me:

Olhe, meu Alferes, *massa de estalo* é o feijão branco, que os magálas chamam assim, porque dá uns estalinhos na barriga, quando sahem cá para fóra.

Um osso e o dia de juizo

O scenario é o mesmo do anterior.

Após a distribuição do rancho, reparei que um soldado conductor ficara de pé e com o ar pasmado de quem não está satisfeito, enquanto todos os outros camaradas já se encontram sentados no chão.

Dirijo-me a ele e pergunto-lhe:

Que tens tu que não te sentas:

Olhe, meu Alferes, diz-me ele, com ar comico, apontando para um grande osso esburgado que tinha dentro da colher, «estou à espera do dia de juizo, para a carne se juntar ao osso!»

*

O recibo d'uma mula

Certo dia um sargento miliciano, apresenta-se-me, pedindo-me para eu lhe ceder um solípede, afim de ir cumprir um serviço.

N'essa ocasião estavam os alemães bombardeando o nosso sector e como o sargento não era do meu Batalhão, receando que ele não voltasse, pedi-lhe um recibo, que ele passou nos seguintes termos:

«Recebi do Parque de Infantaria 14 do comando do Alferes Carvalho, uma mula e uma albarda, para meu uso, n'um serviço às linhas. (a) *P. Cavilhas*, 2.º sarg. mil.

*

Arroz doce de cebolada

Havia 12 longos mezes, que eu me encontrava nas linhas e já estava enjoado de comer à sobremesa a calixta compota de cascas de laranja da ração inglesa. As saudades d'um arroz doce tipicamente portuguez, aguçaram-me o desejo de comer tão apetitoso manjar.

Chamei o meu cosinheiro e disse-lhe, que para a sobremesa do dia seguinte, me fizesse uma travessa de arroz doce.

Respondeu-me o Pirilampo, muito admirado, que não sabia fazer tal petisco.

Bem, isso não importa e dei-lhe umas breves instrucções sobre a maneira de o confeccionar, que o Pirilampo ouviu muito atento, declarando-me, que tinha comprehendido.

E, ao levantar-me da minha mesa de caixotes, acrescentei em tom de chalaça:—depois de estar prompto o arroz e estendido na travessa, podes deitar-lhe umas cebolinhas com azeite e vinagre.

No dia seguinte, sentei-me para o jantar em que andei mais ligeiro, desejoso como estava de saborear o meu arroz doce.

Chegado o momento asado, digo com ar solemne para o Pirilampo:

Então, venha de lá esse arroz doce.

O Pirilampo corre à cosinha e em passo de procissão apresenta-me uma grande travessa de arroz doce, mas coberto de cebolas e azeite e vinagre.

Indignado bérro: ó Pirilampo tu és um burro! não percebeste então, que eu te disse, para deitares cebolinhas no arroz doce, para reinar contigo?!

Pois sim, meu Alferes, mas eu se botei a cebolada, foi também para reinar com o meu Alferes.

Intimamente ri-me da porcaria feita e para castigar o Pirilampo disse-lhe fazendo-me zangado:

Foste um heroe, Pirilampo e para recompensa vaes comer essa bodéga que fizeste.

E o camelo do Pirilampo ingeriu como um glutão o arroz doce de cebolada, enquanto eu maldizia a ideia, que tivêra, de querer reinar com o meu cosinheiro.

*

Uma carta em francez

Certo dia o soldado conductor n.º 27 dirigiu-se-me nos seguintes termos:

Meu Alferes, eu apostei com o 38 em como era capaz de escrever uma carta em franciú ao meu irmão, mas também queria prantar o meu nome à moda franceza e por isso pedia ao meu Alferes, para me informar, como se diz o meu nome. Eu chamo-me José Papagaio.

Satisfazendo o desejo do 27, disse-lhe, que o seu nome em francez era Joseph Perroquet.

Pela tarde, foi-me entregue, para a respectivá censura a carta do 27, cuja copia aqui vae:

France 2-2-1918.

Ma chere frere

Te participe que muá parlê tré bian le franciú.

Ha bocú de madamuaseles joli.

Mangê tujur cornobife ê une cigarrete á jur.

Camones tré simpatiques, muá acheté á un anglê un par de palhetes até ô genú aveque cordons ê muá donê á lui une garrafe de picles.

Muá émé agore un madamuasele ê aprê la guerre fini partir Portugal aveque muá fiancé. Les mules du Parque bone santé.

Bociú de sovenires de ta frere

(¹) José Papagaio

en franciú Josefe Pero-quê

*soldado 27 do Parque do B. I. 14
do C. E. P.*

P. S. *Desculpa de ir tan pouco, mas esta foi escrita á preça. — J. P.*

(¹) É pitoresco este apelido.

Mas ha muitos apelidos deveras pitorescos e até alguns bem patuscos.

Cito a propósito entre tantos, que existem, os seguintes, que foram extrahidos dos registos de nascimentos de algumas freguezias:

Abobora, Abade, Alçada, Alúa, Abegão, Ala, Acabado, Ai, Anão, Anapaz, Aranha, Andringa, Anginho, Alho, Azedo, Azul.

Bacalhau, Batata, Bagulho, Barbudo, Barbas, Bolotinha, Bomba, Bordas, Bico, Biscoito, Brederode, Brinca, Brocas, Bogarim, Borrego, Bote, Bugalho, Bailarim, Batoque, Boga, Bandeja, Bigodinho, Bumba, Bate-o-pé.

Cabeça, Cabeçadas, Cabrita, Calhau, Camisa, Canhão, Canhoto, Cantante, Carneiro, Cara d'Anjo, Cego, Caçote, Calhancas, Carne Assada, Chamusco, Cebola, Carrêga, Cavaço, Cavacas, Cavilhas, Calixto, Capinha, Capote, Capucho, Caramelo, Carapeta, Caravana, Caroco, Carpinteiro, Carrajola, Catana, Carrapato, Captivo, Chainha, Catramélo, Chalupa, Chaveiro, Chicote, Choque, Chumbo, Clarinha, Coentro, Consciencia, Cosme, Curto, Carreiro, Casaca, Cachóla, Caracol, Camelo, Canudo, Chaminé, Cá-cá.

Dentinho, Deusdado, Delicado.

Carta á família

No campo epistolar era o nosso magala muito pródigo.

Quer atascado na lama das trincheiras, quer no repouso abençoado da linha das aldeias, em cima da mochila ou n'uma tabua de caixote, ele aliviava as maguas escrevendo aos parentes uma carta, por vezes de vinte paginas, para afinal não dizer nada, porque a «censura» cortava quasi tudo.

Havia cartas por vezes d'um cómico irresistível.

Assim, lembra-me esta muito engraçada, que me foi contada por um camarada: Certo soldado vendo que a censura lhe cortava quasi tudo, o que dizia nas suas cartas para a mulher, dirigiu-lhe a seguinte missiva:

Querida Zéfa

Como muitas vezes não tenho tempo para te escrever, venho alembrear-te que d'aquí por diente quando a carta que te mandar, levar uma cruz, quer dizer, que estou bom graças a Deus Nosso Sr.; duas, que estou ferido; três, que já tive alta e quatro, que estiquei as canelas.

Esguelha, Escabelado, Entrudo.

Faia, Fajardo, Farraia, Fava, Favita, Folhadela, Forçado, Froes, Forçado, Ferrugem, Ferrugento, Furtado, Frade.

Gabão, Gancho, Gamelas, Guisado, Gachineiro, Gaita, Galo, Ganho, Garoupa, Guardado, Guíta, Guinapo.

Imaginário, Ideias.

Lamuria, Lombo, Lagarto, Lampreia, Lata.

Malha, Malhado, Maltez, Maneta, Marinheiro, Marreca, Marruz, Massa, Melão, Mergulho, Marmelada, Marmelo, Mil-Homens, Morna, Má-Morte, Má-Cara, Macaco.

Né-Né, Nariz.

Pau-Preto, Paz-Viva, Panasco, Pagante, Palha, Pedra, Pardal, Patrão, Patacas, Peraltinha, Pilão, Poejo, Pera, Poça, Pinguinhas, Prego, Prior, Pulido, Pulha, Papa-ovelhas, Pé-leve, Paga-me.

Rafeiro, Rascão, Rato, Rabeca, Remechido, Repenicado, Respeito, Restolho, Recto, Ripado, Russo, Rua, Ranhadas.

Sopas, Sargento, Sardinha, Serodio, Salsinha.

Trêpa, Tropa, Tainha, Telhado, Trovão, Tempero, Tão-lindo.

Vinagre, Viola, Vacondeus.

Letreiro engraçado afixado em S. Venant

«Avisa»

E' prohibido o uzo latrines inglezas aos portuguezas teem os proprios latrines ao entrada do Parque algumas encontrados uzando otros latrines será castigados severamente.

Por ordem

Tableau

Um capitão do Quadro Auxiliar d'artilharia, acantonado n'uma localidade da rectaguarda é um dia interrogado pela dona da casa:

Mr. vous êtes d'artillerie?

Non, M.^{me} Je suis du tableau auxiliaire.

*

«Fines herbes»

O impedido d'um oficial gerente da «mess» é encarregado por este de ir comprar salsa, tendo-lhe previamente explicado que salsa se dizia em francez *fines herbes*.

O magala entra n'uma «ferme» e pede à quinteira:

M.^{me}, campris? herbes...

Esta vae ao pasto e arranca um molho de hervas, que apresenta ao soldado ao mesmo tempo, que lhe pergunta:

Mais vous avez des lapins, Mr.?

O magala muito escamado, atira com o molho das hervas ao chão, dizendo: O pão é pouco, mas pastar vá você! E virou-lhe as costas sacudido.

Um sapateiro

Um oficial comandante d'uma Formação, precisando d'um sapateiro para concertar os alcatruzes dos seus soldados, manda chamar um francez da localidade, que supunha competente e ao qual se dirige nos seguintes termos:

Monsiü le sapatier...

Je suis cordonnier Mr., responde o francez, admirado.

Non, vous êtes sapatier, parce que vous faites des sapaties et le cordonnier fait des cordes! responde o official portuguez muito convencido de que estava dando uma boa lição ao francez.

Um chefe de ambulancia, recebeu certo dia a visita d'um inspector de saude do Exercito inglez.

Como era da praxe apresentou ao visitante os officiaes que faziam serviço na ambulancia, dizendo:

Voici les officiers, il manque un medecin qui est en vacances.

Iniciou-se depois a visita ao Parque das viaturas onde lhe mostrou os diferentes carros e no final apontando para o local onde se encontravam duas cozinhas rodadas, disse:

La, les cosines rodées.

Um alferes do Quadro auxiliar do Serviço de Saude estava aboletado em casa d'uma velhota muito faladora e curiosa.

Um dia, esta, notando, que o alferes tinha como emblema na gola o distintivo da Cruz Vermelha, perguntou-lhe:

Mr. vous êtes médecin?

Responde-lhe o alferes muito senhor de si:

Non, M.^{me} Je suis du service de santé, mais pour la discipline.

Et maintenant le derrière!

Um Tenente d'artilharia estava aboletado em casa d'uma família da qual fazia parte uma M.^{elle} que rendia suas amizades ao garboso oficial.

Este falava péssimamente o francez a ponto de confundir *dernier* (último) com *dérrière* (que significa «atraz» e em calão: o «trazeiro»).

Certo dia ao receber a sua unidade ordem de partida o moço Tenente, fez as suas despedidas a M.^{elle} Suzette a que assistiram outros camaradas seus e ao dar-lhe respeitosamente um beijo enternecido, porventura o ultimo, teve esta frase estupenda:

Suzette! i maintenant le... derrière!

E perante a gargalhada geral de todos os assistentes de que até compartilharam os proprios paes da moça, o nosso Tenente ficou sem noção imediata da grande *gaffe* que tinha cometido!...

*

Um tenente da Administração Militar ao falar com os habitantes, não dava conta da confusão, que estabelecia entre as palavras *avec* (com) e *comme* (como).

Ao conversar um dia com uma dama de Cléty, pretendeu desculpar-se do seu péssimo francez e fê-lo nos seguintes termos:

«Madame, excuse-moi, je parle français avec (sic) une vache espagnole.»



Como se vê na presente gravura dois soldados de infantaria resolveram brincar aos casamentos, para justificarem o seu bom humor nas linhas. O que está vestido de mulher, se não fossem os seus pés mimosos, a elegancia e o resto, ninguém seria capaz de deixar de concordar, que era uma boa pécora.

Dois ovos

Um impedido de oficial é mandado por este comprar dois ovos para o almoço. O magala entra n'uma lojéca e diz para a vendedora:

M.^{elle} ! Compris? 2 ovos.

Pas compris, lhe responde ela.

O nosso magala não se engasga e ao mesmo tempo que lhe aponta 2 dedos da mão direita, agacha-se, pon-do-se de cócoras e canta: có-có-ró-có...

A Mademoiselle vae logo buscar-lhe 2 ovos, que ele paga muito contente por se ter feito comprehender.

«Uma garrafa de capilé»

Um soldado impedido n'uma mess de officiaes, é encarregado pelo gerente de ir a um estaminet comprar uma garrafa de capilé, mas este traz-lhe uma garrafa de grenadine, cujo preço por exagerado enfurece o gerente da mess.

Não ha mal, diz o soldado, a mulher aceita-a outra vez. Tens a certeza d'isso?

Ora essa! Eu cá disse-lhe logo: *Se mon officier dizè grenadine non bonne, moi venir à vous tout de suite et vous donner à moi mony toute de suite.*

E ela o que disse?

Disse: *Compris.*

«Uma panela para sopa»

O cosinheiro d'uma mess precisando d'uma panela para sopa, vae a um estabelecimento proximo e diz para a vendedora:

Bonjour M.^{me}. Compris panéle officier manger?

Ela — *Non compris panéle.*

O soldado mira a loja toda e não vendo o objecto desejado, descreve no ar com um gesto do braço a forma do recipiente.

Ah! *Compris*, diz a M.^{me} e vae buscar um vaso de noite.

Panéle manger, berra o soldado.

Ela então sorrindo vae a uma prateleira e apresenta-lhe uma lata de conserva.

O soldado faz então o gesto de abanar ao lume, de provar a sopa com uma colher e até imita o som d'uma panela a ferver, mas nem assim se faz comprehender.

Tem em seguida uma ideia, que lhe pareceu luminosa.

Dirige-se à montra e péga n'um rolo de papel higienico, que está ao lado d'uns lindos suspensorios.

Ah! Diz a madame: *Une marmite!*

Yess, compris marmite!

Bonne, conclue o soldado contentissimo.

*

O Alferes Pereira, pouco depois de se instalar no seu boleteo, chama o seu guarda-joias e manda-o comprar «pommes de terre», para o almoço.

Este que era muito resmungão, responde-lhe muito decidido:

Palmos de terra, não, meu alferes, ... batatas...

Cristo... preso

Dialogo entre dois soldados, que passavam em frente do Cristo de Neuve-Chapelle:

— Olha lá ó 27 porque raio está ali Nosso Senhor Jesus Cristo, preso na cruz?

— «Ora porque havia de ser, foi-se queixar, que só davam um pão para oito e prenderam-no».

Eu cá tenho medo

O 320 da 1.^a era soldado destemido e creara fama entre os camaradas.

Já fôra ás trincheiras inimigas e era assinante de todos os raids e patrulhas á «terra de ninguem», pois não lhe agradava lá muito um posto de sentinela com as ventas agarradas á borda do parapeito.

Todos o miravam com certo respeito e quando o apanhavam de folga vá de o pucharem para contar as suas arremetidas guerreiras.

Certa ocasião perguntaram-lhe, se ele não tinha medo.

Ora! não havéra de ter medo. Tenho mesmo muito medo.

Todos os circunstantes riram.

E o nosso 320 rematou:

Quando vejo, que d'ahi não vem mal ao mundo e até faço rir os parceiros, como sucede agora, mostro-o, mas quando reconheço que é indecente, meto-o na gaiola e ninguém o vê!...

Cheira a queijo

O meu Batalhão tinha mudado para novo acantonamento e procedia-se á descarga de caixotes e material d'um carro de companhia.

Entre os variadissimos volumes figurava um caixote com o seguinte letreiro em letra garrafal: «Queijo». Logo uns magalas mais atrevidos o rodearam gulosos, projectando facil assalto.

Foi o dito caixote cheirado por todos os cantos pelos assaltantes, que foram unanimes em concordar, que de facto cheirava a queijo e assim resolveram abril-o á sucapa, não fôsse o *nosso* 1.^o caçal-os.

A cara de parvo com que estes patuscos ficaram, foi grande, quando ao saltar a tampa, verificaram, que dentro só havia meias muito sujas e quasi podres de suor e que se destinavam á lavadeira.

Um engraçado qualquer tinha escrito a carvão no caixote o apetitoso distico, prevendo por certo o cómico assalto.

O lustro não é da ordem

Tinha acantonado com o Trem Regimental do meu Batalhão n'uma «ferme» próximo de La Gorgue.

Verificando que alguns dos meus homens, nas horas vagas do serviço iam até á cidade, por vezes um tanto sujos, obriguei-os a virem apresentar-se-me antes de sairem do acantonamento.

Certa ocasião verifiquei, que um soldado condutor, tinha pintado as botas com pó de carvão.

Admoestei-o por êsse facto, dizendo-lhe que fosse dar lustro nas botas.

O bom do soldado, pede licença para falar e diz-me com um ar muito respeitoso e solemne:

Saberá V. S.^a que o lustro não é da ordem e por isso o não prantei.

*

O 273, soldado condutor era muito correcto e disciplinado e sempre o primeiro a aparelhar e a engatar a sua parelha.

Em certa ocasião veiu pedir-me para expôr o seguinte:

Meu Alferes, saberá V. Ex.^a que tenho um par de botas no concerto e o outro que trago nos pés, já não tem solas, não posso andar e como não posso dar parte de doente, porque não estou doente, venho comunicar a V.^a Sr.^a que «dou parte de descalço».

Quatro cabeças

O soldado servente 470 João da Silva, era muito bom rapaz, mas um grande estarola.

N'uma formatura a que assisti para saber quantos solipedes tinha a seu cargo cada soldado, quando chegou a vez do 470 me informar, respondeu-me com ar risonho e bonacheirão.

«Eu cá, meu Alferes, tenho 4 cabeças».

E d'esta forma o João da Silva passou a ser conhecido entre os camaradas pelo: «Quatro Cabeças» com o que ele dava alguma sorte.

Chegou lá primeiro

O 430 da 2.^a José Penetra, acabava de chegar ás linhas com o seu Batalhão e sentindo-se indisposto do ventre, divisou ao fundo da sua trincheira a sentina e para lá se dirigiu apressadamente com as calças na mão, dizendo para um seu camarada:

«Vou ali botar uma encomenda urgente».

Antes de chegar porém ao seu destino, um obuz inimigo destruiu por completo o *objectivo* e o nosso Penetra fez meia volta e correu como uma seta para o local onde se encontrava ainda o companheiro, que em ar de troça lhe disse:

Então não botaste a encomenda?

Fiquei comido, trago-a dentro das calças, porque o outro chegou lá primeiro do que eu!

Non bonne... compris?

O Chico Magriço era muito bem *caçado*.

Entre os seus camaradas do pelotão gosava mesmo da fama de ser um grande atrevido.

Franceza que ele topasse a geito, não a largava sem

obter d'ela um pequeno «souvenir» e que mais não fosse um copo de «bière».

Com os Camones então era impagável.

Certa ocasião andando *à pesca* deu de caras com um inglez e logo chegou á fala com o mesmo.

O inglez não sabia nada de portuguez e o nosso «lanzudo igualmente não petiscava nada de inglez.

O Magriço sempre desenrascado não se acanha nunca com ninharias.

E começou por embarrilar o camarada aliado, conseguindo convencê-lo de que um tostão em nickel tinha o mesmo valor do que um *franco* e assim com um tostão de nickel que sacou das profundezas do bolso das calças, comprou ao inglez um magnifico canivete com sete aplicações inclusivé para extrair calos sem dor.

Depois querendo mostrar-se sociavel diz ao Camone com ar de pessoa ilustrada:

O dia hoje está fosco!...

Non compris, responde o inglez algo aborrecido.

O nosso lanzudo repete, pisando muito as silabas:

O dia hoje está fosco!...

Non compris, teima o inglez.

Então o *Magriço* recorre á frase do seu acanhado reportorio da lingua franceza:

Non bonne, Compris?

Non bonne. Compris, yess, remata o Camone, n'um suspiro de alivio.

E reconhecendo, que não podiam continuar mais o cómico «rendez-vous», despediram-se com um dos seus melhores sorrisos e apertando as mãos.

Les portugais sont très chauds

O amor é belo!...

E' um fraco dos portuguezes o seu feitio conquistador. Foram sempre femieiros, muito atiradiços mesmo e este defeito já vem do tempo de D. Afonso Henriques.

Não admira pois, que ao pisarem terras de França, se metessem logo á conquista dos corações das gentis e elegantes francezinhas, que perante suas arremetidas diziam graciosamente: «Oh! les portugais sont très chauds!...»

Excepção feita aos felizardos que acantonavam na rectaguarda e nas magnificas praias e que tinham portanto por onde assestar suas baterias para a almejada conquista feminina (e alguns remataram suas paixões com um legalissimo *mariage*), os da *frente* não tinham por onde expandir-se em devaneios amorosos, pois as *demoiselles* escasseavam como agulha em palheiro.

Era nos *estaminets*, onde se fazia vida de club barato que pontificava o *flirt*, a alguma *mademoiselle* por vezes feia e sardenta, transformada em *vendeuse* em substituição dos homens que estavam na guerra.

A' sombra do *chope de bière* ou do café de *lepes*, os nossos lá iam largando os francos e fazendo quentes declarações de amor a que elas respondiam, sorrindo, com um «après la guerre finie» falaremos.

E de mulheres iam-se contentando com o cheiro!...

Aventuras amorosas houve-as por certo, mas ficaram no conhecimento apenas dos seus autores.

O falecido Tenente coronel Ferreira do Amaral, cita no seu livro *A mentira* da Flandes, a aventura descrita pelo melhor contista da Guerra, o tenente Pina de Moraes da gentilissima, franzina e elegante franceza (o ten. Pina de Moraes podia ter acrescentado *maleabilissima*), que veio no camarote do navio dentro de um arquivo de batalhão.

Ferreira do Amaral, com muito espirito contra-ataca nos seguintes termos:

«Apenas tenho a observar, que acho, ou a franceza um tanto *graúda* para o arquivo, ou o arquivo um tanto de *via reduzida* para a franceza!

Não deve ignorar o ilustrado tenente e brioso official da Flandres que eu, como *Major*, nada saberei do meu officio, mas ha uma coisa que é *atavica* nos majores, que é saberem as dimensões *exactissimas* do arquivo de um batalhão.

Exactissimas, note tambem o leitor?

Ora, é certo que o jovem official pode dizer-me, que de nada me servem os meus conhecimentos profissionaes em materia de arquivos de batalhão, porque o meu terrivel e desacreditado posto de major me inhiibe de conhecer as dimensões *exactas* de uma franceza, gentil, nova, bonita e elegante.

No entanto, fico na minha ou tenho que pedir licença ao Tenente Pina de Moraes para engulir a franceza ou rebento com o arquivo.

Eu, no caso do interessante contista, trincava as pernas à franceza, antes de a meter no arquivo.

Mas isto são apenas expedientes de major».

Que dizes tu a isto?

Um magala d'um Batalhão da «Barrigada do Minho», em ocasião de descanso, entrou n'um *estaminet* e lembrou-se de comprar dois postaes ilustrados dos que costumavam vender-se às escondidas e que representavam duas lindas mulheres no paraizo.

Parece, que não tinha mais ninguem a quem os escrever senão ao seu querido e unico cunhado e com o maior descôco, com uma letra muita tremida e *soluçante* escreveu n'um dos postaes:

Que dizes tu a isto? O' Antónho!

E no outro:

— *Agora bê lá se te botas a perder. que a minha irmã, coitadinha, é que as paga!...*

Pas combattant

Um oficial da administração militar, que se dedicava certo dia a trabalhos de hipismo, foi visto por um oficial belga, que admirado perante o seu desembaraço, pois até se apeou saltando pela cabeça do cavalo, o interpelou, perguntando-lhe a que arma pertencia.

Je suis officier de l'intendance, respondeu o portuguez todo ufano.

Oh! de l'intendance? pas combattant! disse o belga em ar depreciativo.

Então o oficial portuguez, em voz grossa rematou: *Pas combattant, uma gaita!*

*

Habilidosos e de genio inventivo os nossos serranos não se acanharam ao pisar as terras de França.

Tornam-se mesmo simpaticos e queridos dos habitantes, porque são muito mais reinadios do que os inglezes.

O seu bom humor não se altera nunca. Para eles não ha dificuldades; com palavras, com pantomimas adequadas fazem-se comprehender pelos francezes e até pelos inglezes, apesar de inventarem termos que nem existem na lingua dos antropófagos. Era a lingua do «pas compris» cosinhado de varios termos capaz de arripiar os cabelos a um esquimó.

Os francezes até gostam que os serranos lhes façam assaltos ás batatas, para depois pedirem uma indemnização dez vezes maior do que o valor do furto.

Então com os camaradas Camónes é que o nosso serrano, mostra bem as suas faculdades de intrujão emérito. Assim era vulgar comprar a um soldado inglez um lindo canivete com sete utilidades, por um tostão em nickel e um par de botas altas por um frasco de pickles.

Convêm aqui esclarecer (isto é só para os que não pertenceram ao C. E. P.) que a alimentação das tropas

portuguezas era fornecida pelos inglezes e constituida na sua quasi totalidade por latas de conserva, com excepção do vinho e do café que iam de Portugal.

Assim tinhamos uma lata de corned-beef para 8 homens, uma de marmelada para 10, uma de leite condensado para 20. Um pão era para 8, um frasco de picles para 20 e a perna d'um boi era para 800. Ora o nosso serrano não apreciava os picles, pois abria-lhes demais o apetite, o qual não necessitava d'esse estimulante e d'esta forma havia quem guardasse os frascos na mochila para na primeira oportunidade trocar ao Camóne por um optimo par de botas acabados de sahir dos pés do dito... fresquinhas da costa.

Os serranos gostam muito de tirar o retrato em grupos de 3, 4 e 5. É interessante verificar, que o mais estúpido fica sempre a fingir que lê um jornal francez.

Ha os que tambem para fingirem, que gostam de vinho, tiram o retrato com um copo ou uma garrafa na mão.

*

Um soldado ao chegar ao seu acantonamento, escrevia à mãe e dizia-lhe: «N'esta terra tudo é diferente da nossa, costumes, manjares, bem estar, etc. Só os cães é que falam como os portuguezes».

A gíria do C. E. P.

O sector defendido pelo nosso C. E. P. tomou, por obra e graça da gente alfacinha, um cunho verdadeiramente nacional.

Por todos os lados ha nomes portuguezes. A terra de ninguem é a *Avenida Affonso Costa*. Tivemos tambem o *Chiado*, o *Rocio*, a *Pampulha*, o *Terreiro do Paço*, o *Jardim da Estrela* e a trincheira do *Quebra-Costas*.

As escadas d'um Quartel General receberam o pomposo nome de *Escadinhas da Mãe d'Agua*.

No nosso C. E. P. falava-se quasi todo o calão do tempo de paz.

A gíria portugueza nas trincheiras da Flandres é caracterizada pela sua graça e espirito de imaginação.

Eis alguns termos e expressões que ali coligi:

G. Q. G. (Grande Quartel General) — *Grande Canja*, (por ficar muito longe das linhas);

Q. G. 1 (Quartel General da 1.^a Div.) — *Canja n.º 1*;

Q. G. 2 (Quartel General da 2.^a Div.) — *Canja n.º 2*;

Q. G. Brigada — Como já estavam mais perto das linhas eram *Queijos*; havia *Queijos* do n.º 1 a 6, visto serem 6 as Brigadas;

As ambulancias eram os *Depósitos da Gosma*;

Os Hospitales — *Fabricas de Tijolo*;

O Deposito de Fardamentos — *Deposito de Alcatruzes*;

Repartição de Higiene, (R. H.) — *Repartição dos Humoristas*;

Lavandaria — *Club Democratico da Recóca* (por só ali ter officiaes democraticos em serviço);

Brigada do Minho — *Barrigada do Minho*;

Ceplandia — Eram as terras do C. E. P.;

Serviço Postal de Campanha — *Serviço de Pôr Cuspo*;

General Tamagnini — *Traga-meninos*;

Coronel Gomes da Costa — *Von da Costa*;

Sebastião Costa (filho de Affonso Costa) — *Nobre Exemplo*;

Boletim diario das operações — *Almocreve das Petas*;

Ordem do Quartel General — *Ridículos*;

Os officiaes que faziam serviço nas linhas eram *officiaes acidos*, os da rectaguarda, *officiaes básicos* (Ba.), *Bi-basicos* (Ba.²), os que estavam em Paris. *Cachapins* eram os anichados nas Repartições da rectaguarda.

Dividiam-se os cachapins em 3 classes:

- Cachapim* ligeiros — das Brigadas.
- » médios — das Divisões.
- » pesados — das Bases.

Palmipedes os que pertenciam aos Quartéis Generaes, tinham automovel e aboletavam nos chateaux das cidades com direito a édredon, uso de pyjama e chinelas de quarto e chauffage central.

Os projecteis de grosso calibre eram segundo o seu tamanho: *barris de almude, garrafas de litro e copos de meio litro.*

- Amarelos* — Era o pessoal do serviço de hygiene;
- Alicates* — Os telegrafistas.
- Aboboras* — Bombas lançadas dos aviões;
- Arames* — soldados sinaleiros.
- Balásio* — bala.
- Bacoreira* — Metralhadora pesada;
- Carro do chora* — Obuz de 12 polegadas;
- Carrada de lenha* — Obuz;
- Caixeiro viajante* — Granada de 12 polegadas;
- Caixão de chumbo* — farda de mescla cinzenta.
- Camóne* — inglez.
- Cabra* — Mochila;
- Cavar* — Fugir;
- Cortar prego* — Ter medo;
- Cavanço* — Acto de «cavar»;
- Chapeu de coco* — Capacete de ferro;
- Copo de bière* — Granada de pequeno calibre;
- Copo de meio litro* — Granada de canhão de trincheira;
- Chinezes* — O pessoal dos serviços auxiliares;
- Corned-beef de chapéu alto* — corned-beef com ovos.
- Costureiras* ou *ceifeiras* — Metralhadoras;
- Comer graixa* — estar aborrecido.

- Estampilhas* — Os chefes das estações postaes ;
Enxertar a boroa — apanhar o primeiro castigo.
Fardo de palha — Uma carta volumosa.
Foguete de pataco — Very-light ;
Garrafinha — Morteiro ligeiro ;
Gazosas ou verdes — Os officiaes especializados em gazes ;
Grandela — Armazem principal da terra ;
Laranja — Granada de mão ;
Laranjinha — Granada Mills ;
Lagartos — Peças de artilharia camufladas ;
Mademoiselles de trincheira — Os escocezes (por usarem saias) ;
Menino — Morteiro médio ;
Meninos sem braços — Morteiros pesados ;
Moni — dinheiro.
Ministro do Trabalho — Official que dirigia o trabalho dos sapadores ;
Migalhas de pão com pernas — Piolhos ;
Museu — Comando do Batalhão ;
Pá de guerra — colher do rancho.
Porco ou pão para 4 — Morteiro pesado ;
Rancho frio — Bombardeamento feito de manhã cedo pelos alemães ;
Recóca — rectaguarda.
Respira fundo — todo aquele que tinha o n.º 33 ou esta terminação.
Sapateiro — ferrador.
Saco de boca — Mascara anti-gaz ;
Sobrecasaca — Cobertor onde eram embrulhados os soldados mortos ;
Tra'ha — Equipamento do soldado ;
Tronga — Mulher muito gorda e feia.

No convivio com os habitantes havia termos como estes :

Um pão era um *pani*; um chá era um *chi-chi*; uma cama, um *couchi*; um copo de aguardente, um *viroscas*; um franco era um *toston* e dois sous um *vinténe*.

Uns termos foram aportuguezados e a outros mudaram-lhe o sexo, pois diziam um *biére*, um *maison*, um *madamoiselle*, uma *frére*, etc.

*

Ha uma coisa só, com que os nossos serranos não concordam: é que lhes deem todos os dias marmeladã e corned-beef e quando falta o arroz para a sopa o substituem por laranjas ou passas de figo.

De resto, como tristezas não pagam dividas, eles estão perfeitamente adaptados à guerra e procuram tirar partido de tudo e quando não podem embrulhar os Camónes, intrujam-se eles proprios uns aos outros.

Porque n'isto de ter bom humor na guerra, parece, que os nossos seguiam a filosofia d'um *poilu* e que vem citado n'um dos livros humoristicos de André Brum:

«N'isto da guerra das duas uma: ou o cidadão está mobilizado ou não está. Se não está não vale a pena ralar-se. Se está mobilizado, das duas uma: ou está no front, ou não está. Se não está, melhor. Se está, das duas uma: ou está nas trincheiras ou no serviço da rectaguarda. Se está na rectaguarda, é canja. Se está nas trincheiras, das duas uma: ou ha combate ou não ha. Se não ha, o perigo não existe. Se ha, das duas uma: ou se é ferido ou não. Se não se é ferido, não ha motivo para ralações. Se se é ferido das duas uma: ou a ferida é grave ou não tem importancia. Se não tem importancia, não vale a pena dar-lh'a. Se se escapa é caso para dançar o tango e, se se morre, as ralações tambem acabam sem se dar por isso...»

O humorismo na Base do C. E. P.

La Fosse, 1-3-1918.

Se o bom humor nunca abandonou as tropas das *linhas*, tambem não é menos certo, que os recoqueiros da Base sabem possuil-o no mais alto grau e a demonstrál-o está o simples factu de estarem de tal forma agarrados às delicias d'esse paraizo terrestre, que não ha poder capaz de os rebocar para a *frente*!...

Principescamente instalados nos hoteis e em magnificos chateaux, formam uma verdadeira maçonaria estes felizardos, gosando «au grand air» as doces e acariciantes brisas das praias francezas de Paris Plage, Etaples, Ambleteuse, Boulogne, Brest, Calais, etc.

Acresce ainda, que as suas funcções são por sua natureza tão simples, que lhes dão tempo, para que descasquem o serviço sem grande trabalho e de bom humor.

Mas ha mais.

Um capitão, por exemplo, tem, quando em serviço nas trincheiras, 500 francos mensaes de subvenção de campanha, mas o mesmo capitão se estiver na Base recebe mais 20 francos diarios para alimentação e casa e ainda uma importancia para combustivel. É canja!

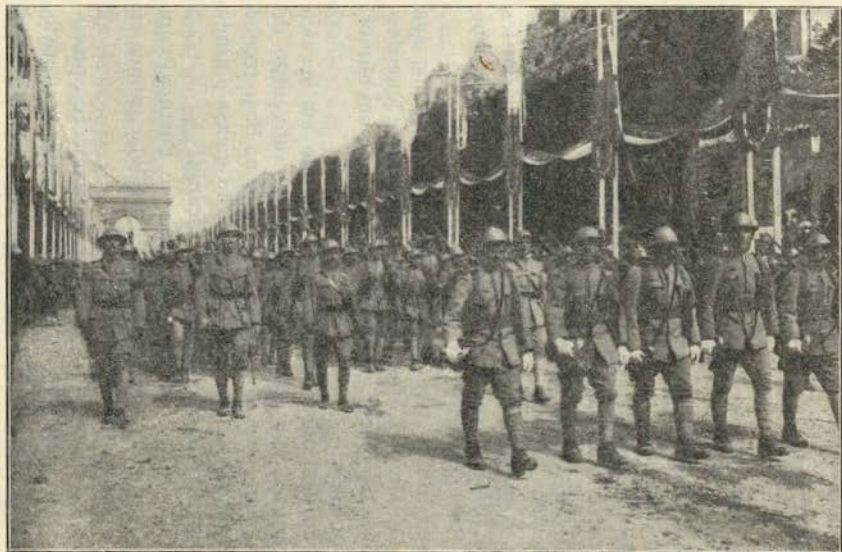
E assim muitos officiaes que vem de Portugal com destino às unidades da frente, ficam na Base, nunca se chegando a saber as razões de tal.

Ora o bom humor só se adquire, muitas vezes, procurando o ar que não esteja viciado e o ambiente proprio.

E não ha como o ar das praias para tonificar o sangue e equilibrar os nervos e depois a vida está livre do perigo das balas e dos cacos das granadas!

Na frente, ha que fazer testamento.

Foi assim, que muita gente desejou e faz a guerra... mas nas praias!...



EM PARIS

*No dia 14 de Julho de 1919 as nossas tropas desfilam cheias de entusiasmo
sob o Arco do Triunfo!*

Não podem porém sentir o orgulho do verdadeiro dever...

Messieurs, dites moi
S'il y a tipos com mais chance
Que les embusqués de lá
E os Cachapins *en France*
Põem todo o seu cuidado
Na imitação ingleza;
Casacos, grevas, calçado
É tudo inglezado,
P'ra augmentar a gentileza!

(Com a musica do Fado Francez da Revista «Dominó»).

No campo de prisioneiros da Alemanha

Apesar da sua lamentavel situação de prisioneiros, lutando com as deficiencias do conforto e d'uma regular alimentação, não foram nunca os nossos de molde a faltar-lhes o animo forte e a vontade firme de resistir e assim reagindo sempre e porque o bom humor é também condição essencial para vencer, este tambem nunca lhes faltou como o provam as varias e jocosas produções poeticas feitas nos campos de concentração, tendo até sido representada uma peça em 3 actos. «O amor na Base do C. E. P.» da autoria do actual General Alexandre Malheiro, official muito distinto e brilhante escritor, peça que foi levada á scena com assinalado exito pelos officiaes prisioneiros no Campo de Breesen-in-Mecklemburg (Alemanha) em 27 de Outubro de 1918.

Sobre as produções poeticas dos prisioneiros, limito-me a transcrever a seguinte, d'um official anonimo.

Se for verdade

*(Quando se falava do internamento dos officiaes
prisioneiros na Suissa).*

Se o que diz o tal postal
Tiver algum fundamento
D'aqui até á Suissa
Só vae obra d'um momento.

Sendo assim, ó Pae da Vida!
Nem é n'isso bom pensar...
Já podemos ir tratando
Das malinhas arranjar.

Francezas, belgas, suissas,
E as chiquitas de Espanha,
Todas andam n'um sarilho
Ao sairmos da Alemanha!

Sentir-me-hei bem feliz
E passo a viver emfim
Gosando p'la vez primeira
Regalos de Cachapim!

Breesen-in-Mecklemburg
Agosto 1918

(Eu mesmo)

E vou terminar o Bom Humor no C. E. P. com

A marcha da «Aida»

Em certa tarde os alemães bombardeavam intensamente Laventie.

As tropas sofriam muitas baixas e assim veiu ordem de retirar para La Gorgue.

Entre as forças que retiravam figurava uma Companhia de Sapadores Mineiros. Ao aproximar-se d'uma aldeia bombardeada o comandante manda fazer alto, para passar revista aos seus homens e ver se tudo vae na ordem.

Um subalterno aproxima-se do comandante e observa-lhe que a aldeia é um montão de ruínas.

O comandante responde:

Não sabe, que o regulamento manda, que ao atravessar povoações, as tropas marcham em sentido e portanto com toda a compostura militar?

E voltando-se para a banda de clarins:

Toquem a marcha da «Aida».

Depois impávido e sorridente ordena:

Ordinario marche!

E ao som estridente dos clarins a companhia cheia de aprumo, toda unida e imponente atravessa a aldeia evacuada, sob a chuva infernal da metralha inimiga!...

*

Foram assim os soldados de Portugal! A mesma fé os animou, o mesmo espirito de bom humor os acompanhou sempre nas horas incertas do perigo. Ralava-os a saudade da sua terra mas sôberam sorrir sempre diante da morte, que os espreitava a todo o momento! Enterrados na lama das trincheiras muitos cahiram desfeitos pela metralha ou trespasados pelas baionetas inimigas para não renegarem à sua Patria oito seculos de historia.

Gloria eterna aos nossos Serranos! Para eles e para todos os que tombaram nos plainos da Flandres, vão tambem, n'esta hora incerta do mundo as minhas lagrimas de saudade.



Indice

	Pág.
Prefacio	7
Canção de marcha do B. I. 23	11
Balada	13
Introito	15

CAPITULO I

O que é o mau humor	17
Batuque das sogras	20
§ unico	22

CAPITULO II

A chalaça do C. E. P.

Campanha de Pau-Lona	25
A marcha	26
Au Colimaçon — Restaurant	34
O bom humor na guerra	36
O ganga nas trincheiras	36
O piolho do soldado	39
Parodia ao Corned-beef	41
Fado do Cachapim	43
Adeus cama fofa!	45
Vinho de Portugal	46
Mr. le Maire	47
Mademoiselle Ramboia	48
Soirée dorée	49
Questionário	50
Rapsodia chez Mr. le Maire	53
O espirito de André Brun	55
Peles de coelho	57
Laventie	59
Epitafio	60

	Pag.
Gaby	66
Musica...	66
Dormir, dormir...	70
Carneiros lanzudos	70
Um banho forçado	71
Os ratos obedecem á voz	73
Massa de estalo	74
Um osso e o dia de juizo	76
O recibo d'uma mula	76
Arroz doce... de cebolada	77
Uma carta em francez	78
Carta à familia	80
Tableau	81
Finés herbes	81
Um sapateiro.	82
Et maintenant le derrière!	84
Dois ovos	85
Uma garrafa de capilé	85
Uma panela para sopa.	86
Cristo preso	87
Eu cá tenho mêdo	87
Cheira a queijo	88
O lustro não é da ordem	88
Quatro cabeças	89
Chegou lá primeiro.	90
Nou bonne... compris?	90
Les portugais sout très chauds	91
Que dizes tu a isto?	93
Pas combattant	94
A giria do C. E. P.	95
O humorismo na base do C. E. P.	100
No campo de prisioneiros da Alemanha	102
Se for verdade	103
Apoteose: a marcha da Aida	103

Visado pela Comissão de Censura





OBRAS DO AUTOR:

Republica de Cuba, (ilustrado)	1 vol.	1926
O Colegio Militar (ilustrado)	1 vol.	1929
Republica do Chile	1 vol.	1931
Manual de Administração Militar	1 vol.	1933
Administração Militar	1 vol.	1935
Vencimentos do Exército	1 vol.	1937
Alimentação no Exército	1 vol.	1937
Fardamento	1 vol.	1937
Instrução e Material	1 vol.	1937
Escripta e Contabilidade	1 vol.	1937
Bandeiras Nacionaes	1 vol.	1937
Vencimentos (anexo)	1 vol.	1938
Manual de Vencimentos	1 vol.	1942
O bom humor no C. E. P. (ilustrado)	1 vol.	1944

ÚNICO DEPOSITÁRIO:

Major Mário de Carvalho — Rua Aurea 252 — Lisboa

OBRAS INÉDITAS

Polonia Ressuscitada

A Servia heroica

Paris — O museu dos Inválidos e da Grande Guerra



80116651